

M

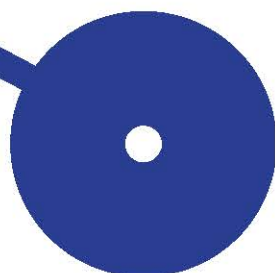
MESTRADO

Ensino de Educação Musical no Ensino Básico

# As atividades nas aulas de Educação Musical: perspetivas dos alunos e práticas dos professores

Ana Isabel Ribeiro Pereira

07/2023



Politécnico do Porto

Escola Superior de Educação

Ana Isabel Ribeiro Pereira

**As atividades nas aulas de Educação Musical: perspetivas dos  
alunos e práticas dos professores**

Relatório de Estágio e Projeto de Investigação

**Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico**

Orientação: Prof.<sup>a</sup> Doutora Graça Boal Palheiros

Porto, julho de 2023

## AGRADECIMENTOS

Ao longo deste percurso, contei com vários apoios que me ajudaram a concretizar o presente trabalho, a superar obstáculos e a alcançar os meus objetivos. A todos eles gostaria de expressar o meu agradecimento.

À Professora Doutora Graça Boal-Palheiros, pela orientação, paciência, incentivo, disponibilidade, pelas opiniões e sugestões partilhadas, assim como as estratégias de ensino que me inspiraram a seguir no futuro.

A todos os docentes da Escola Superior de Educação do Porto, que ao longo de seis anos, me inspiraram a questionar, refletir e a saber cada vez mais.

À professora Cristina Aguiar, pela cooperação e auxílio, que me fez sentir apoiada ao longo do estágio.

A todos os meus colegas, com quem partilhei este caminho, repleto de desafios e muitas aprendizagens, que contribuíram para o meu desenvolvimento pessoal e profissional.

Por último, um agradecimento especial à minha família, que se encontrou sempre disponível para ouvir e acompanhar as minhas frustrações, mas também as minhas vitórias. A eles dedico este trabalho.

## RESUMO

O presente Relatório de Estágio apresenta as experiências vivenciadas e as aprendizagens realizadas durante a Prática de Ensino Supervisionada (PES) e um projeto de investigação desenvolvido no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico. No primeiro capítulo, reflete-se sobre a importância da observação na formação de professores, bem como sobre as práticas pedagógicas observadas em diferentes instituições de ensino, no contexto do 2.º Ciclo do Ensino Básico (CEB). O segundo capítulo apresenta uma breve contextualização do centro de estágio, da turma com a qual foi realizada a Prática de Ensino Supervisionada, assim como uma reflexão crítica do trabalho pedagógico desenvolvido, abordando as atividades realizadas e os desafios que se foram colocando. O projeto de investigação, exposto no terceiro capítulo, procura compreender a opinião dos alunos sobre a disciplina de Educação Musical, nomeadamente as atividades musicais e as práticas pedagógicas realizadas e desenvolvidas pelos professores da disciplina. Para o efeito, utilizaram-se como instrumentos de recolha de dados o questionário, a entrevista semiestruturada e a observação direta de aulas. Foi possível compreender, através da análise dos dados recolhidos, que uma grande maioria dos alunos gosta da disciplina de Educação Musical, preferindo atividades práticas, que envolvam a sua participação ativa.

**Palavras-chave:** Atividades musicais; Educação Musical; Práticas docentes; Prática de Ensino Supervisionada; Perspetivas dos alunos.

## **ABSTRACT**

The present Internship Report presents the lived experiences and the learning carried out during the Supervised Teaching Practice and the research project developed within the scope of the Master in Teaching Music Education in Basic Education. The first chapter reflects on the importance of observation in teacher training, as well as on the pedagogical practices observed in different teaching institutions, in the context of the 2nd Cycle of Basic Education. The second chapter presents a brief contextualization of the internship center, the class with which the Supervised Teaching Practice was carried out, as well as a critical reflection of the pedagogical work carried out, addressing the activities carried out and the challenges that were posed. The research project, set out in the third chapter, seeks to understand the students opinion about the subject of Music Education, namely the musical activities and pedagogical practices carried out and developed by the subject's teachers. For this purpose, the questionnaire, semi-structured interview and direct observation of classes were used as data collection instruments. It was possible to understand, through the analysis of the collected data, that a great majority of the students like the subject of Music Education, preferring practical activities, which involve their active participation.

**Keywords:** Musical Activities; Musical Education; Teaching practices; Supervised Teaching Practice; Student Perspectives.

## LISTA DE GRÁFICOS

|   |    |
|---|----|
| Gráfico 1 – Grau de gosto pela disciplina de Educação Musical .....                         | 41 |
| Gráfico 2 – Atividades nas aulas de Educação Musical.....                                   | 42 |
| Gráfico 3 – Frequência das atividades realizadas nas aulas de Educação Musical .....        | 43 |
| Gráfico 4 – Grau de gosto dos alunos por cada atividade.....                                | 46 |
| Gráfico 5 – Tipo de música que os alunos ouvem nas aulas de Educação Musical .....          | 46 |
| Gráfico 6 – Tipo de música que os alunos cantam e tocam nas aulas de Educação Musical ..... | 47 |

## LISTA DE TABELAS

|  |    |
|--|----|
| Tabela 1 - Indicadores de avaliação na disciplina de Educação Musical na EBM.....                            | 9  |
| Tabela 2 - Conjunto de instrumentos presentes na EBM .....   | 10 |
| Tabela 3 - Cronograma da PES.....  | 24 |
| Tabela 4 - Opinião dos alunos sobre as características de um professor de música ideal (Stavrou, 2022) ..... | 37 |
| Tabela 5 - Caracterização da amostra dos alunos por turma, sexo e ano escolar .....                          | 39 |
| Tabela 6 - Médias do gosto pela disciplina dos alunos de cada contexto de ensino.....                        | 42 |
| Tabela 7 - Atividades que os alunos mais gostam.....   | 44 |
| Tabela 8 - Atividades que os alunos menos gostam.....  | 45 |
| Tabela 9 - Características de um professor de música "ideal" de acordo com os alunos.....                    | 48 |
| Tabela 10 - Atividades dinamizadas pelos professores na aula observada.....                                  | 53 |

## LISTA DE FIGURAS

|  |    |
|--|----|
| Figura 1 - Diferentes perspetivas da sala de aula onde decorre as aulas de Educação Musical na EBM .....                 | 11 |
| Figura 2- Musicograma utilizado em aula: Concerto para cravo e orquestra, em Lá Maior de Carlos Seixas (1704-1742) ..... | 17 |
| Figura 3 - Exemplo da atividade de composição na plataforma Song Maker .....   | 21 |

## **SIGLAS**

AEC – Atividade de Enriquecimento Curricular

AEM – Agrupamento de Escolas de Matosinhos

ASE – Ação Social Escolar

CEB – Ciclo do Ensino Básico

EBM – Escola Básica de Matosinhos

PES – Prática de Ensino Supervisionada

TEIP – Território Educativo de Intervenção Prioritária

# ÍNDICE

|   |    |
|---|----|
| INTRODUÇÃO.....   | 1  |
| CAPÍTULO I – OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA MUSICAL NO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO ..... | 3  |
| 1.1. OBSERVAÇÃO COMO MEIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO FUTURO DOCENTE....        | 3  |
| 1.2. ESCOLA BÁSICA DE MATOSINHOS .....  | 4  |
| 1.3. ESCOLA A.....  | 5  |
| 1.4. ESCOLA B.....  | 6  |
| CAPÍTULO II – PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA.....                           | 7  |
| 2.1. ESCOLA BÁSICA DE MATOSINHOS .....  | 7  |
| 2.2. A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MUSICAL NA ESCOLA BÁSICA DE MATOSINHOS .....    | 8  |
| 2.3. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA DA PES .....                                     | 12 |
| 2.4. REFLEXÃO CRÍTICA DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA .....               | 14 |
| 2.4.1. ENTRE PLANIFICAR, LECIONAR, REFLETIR E AVALIAR.....                    | 14 |
| CAPÍTULO III – PROJETO DE INVESTIGAÇÃO.....                                   | 28 |
| 3.1. INTRODUÇÃO .....   | 28 |
| 3.2. REVISÃO DE LITERATURA.....   | 30 |
| 3.2.1. A VOZ DOS ALUNOS.....  | 30 |
| 3.2.2. PERSPETIVA DOS ALUNOS SOBRE A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MUSICAL.....      | 32 |
| 3.3. METODOLOGIA .....  | 38 |
| 3.4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS.....                                       | 41 |
| 3.5. CONCLUSÃO.....   | 54 |
| CONSIDERAÇÕES FINAIS.....   | 57 |
| REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....   | 58 |
| ANEXOS.....   | 61 |

## INTRODUÇÃO

Compreender a forma como os alunos gostam de aprender música pode levar a questões sobre a reconstrução do ensino e aprendizagem da disciplina de Educação Musical no século XXI. Tendo em conta esse desafio que a disciplina enfrenta, torna-se importante compreender a opinião dos alunos sobre a disciplina face aos seus interesses, de modo a promover a sua aprendizagem e o seu envolvimento ativo. Assim, surge o nosso tema de investigação, explanado no terceiro capítulo deste documento.

O presente Relatório de Estágio foi realizado no âmbito do Mestrado em Ensino de Educação Musical no Ensino Básico, ministrado na Escola Superior de Educação, do Instituto Politécnico do Porto. O trabalho tem como propósito descrever as experiências vivenciadas e os desafios enfrentados durante a Prática de Ensino Supervisionada ao longo do ano letivo 2022/2023 na disciplina de Educação Musical no 2º Ciclo do Ensino Básico. Apresenta, ainda, o projeto de investigação, que procurou conhecer a opinião dos alunos sobre a disciplina de Educação Musical.

O trabalho encontra-se estruturado em três capítulos, sendo o primeiro referente à importância da prática de observação ao longo da formação de professores. O capítulo I apresenta uma descrição e reflexão das observações realizadas em diferentes estabelecimentos de ensino, incidindo mais concretamente nos recursos e nas práticas pedagógicas observadas. O contacto direto com as mais variadas práticas, nomeadamente as observações das aulas da professora cooperante, permitiu conhecer as atividades dinamizadas, bem como as estratégias adotadas, para dar continuidade, da melhor forma possível, ao trabalho desenvolvido.

O capítulo II está dividido em duas partes, sendo a primeira referente à caracterização do centro de estágio e a segunda à experiência vivenciada na Prática de Ensino Supervisionada. O primeiro ponto é dedicado ao centro de estágio, onde i) explicamos o projeto educativo, ii) contextualizamos a disciplina de Educação Musical na escola onde se desenvolveu a PES e iii) damos a conhecer a turma da PES. O segundo ponto tem como objetivo aprofundar a importância do contexto de estágio, bem como uma reflexão sobre os principais desafios que surgiram na lecionação da disciplina de Educação Musical.

No terceiro capítulo, é apresentado o Projeto de Investigação. Trata-se de um estudo que procura compreender as perspetivas dos alunos sobre a disciplina de Educação Musical do 2.º Ciclo do Ensino Básico, nomeadamente sobre as atividades musicais dinamizadas pelos professores e as práticas pedagógicas desenvolvidas nas aulas. O trabalho contou com a participação de sete turmas, assim como dos respetivos professores. Optou-se por metodologias de pendor quantitativo e qualitativo por se considerar serem as mais adequadas. Os instrumentos de recolha de dados foram, a entrevista semiestruturada aos professores, a observação naturalista de uma aula de cada um dos sete professores e o inquérito por questionário aos alunos. Assim, pretende-se dar a conhecer o que os alunos gostam e menos gostam nas aulas de Educação Musical, assim como os motivos das suas preferências.

Por fim, nas considerações finais, fazemos uma breve reflexão sobre o percurso desenvolvido ao longo da Prática de Ensino Supervisionada e do Projeto de Investigação. De forma sucinta, sublinha-se a importância deste processo de aprendizagem na formação docente, fulcral no crescimento profissional.

# 1. OBSERVAÇÃO DA PRÁTICA MUSICAL NO 2º CICLO DO ENSINO BÁSICO

O presente capítulo aborda a observação das aulas de Educação Musical do 2º Ciclo do Ensino Básico. Apresenta a importância da observação ao longo da formação de professores e uma descrição das observações realizadas em três instituições, sendo uma delas onde se desenvolveu a PES. Como forma de identificação das restantes duas escolas, foram atribuídas as letras [A e B], de maneira a garantir o anonimato das mesmas.

## 1.1. OBSERVAÇÃO COMO MEIO PARA O DESENVOLVIMENTO DO FUTURO DOCENTE

A observação, de acordo com vários autores, é considerada uma parte fulcral do processo de formação de professores (Estrela, 1994; Alarcão & Tavares, 2003).

Segundo Estrela (1994, p. 29), a observação desempenha um papel:

*(...) fulcral em toda a metodologia experimental, a iniciação à observação constitui naturalmente a primeira e necessária etapa de uma formação científica mais geral, tal como deverá ser a primeira e necessária etapa de uma intervenção pedagógica fundamentada exigida pela prática quotidiana.*

No contexto de estágio, o principal objetivo da observação passa pelo contacto direto com as mais variadas práticas pedagógicas utilizadas pelos professores, de forma a dar continuidade ao trabalho que será desenvolvido, posteriormente, através da lecionação. Para Reis (2011), as observações têm como principal intuito "(...) promover (...) o contacto com uma diversidade de abordagens, metodologias, atividades e comportamentos específicos (...)” (p. 12).

Neste sentido, houve oportunidade de observar aulas de professores de Educação Musical ligados à formação de professores, onde foram considerados vários aspetos, tais como as abordagens e estratégias de ensino, os recursos utilizados, as dinâmicas estabelecidas entre o professor e os alunos e as competências musicais do professor.

Tendo estabelecido estes objetivos, as formas e meios incidiram sobre uma observação naturalista não participante (Estrela, 1994), ou seja, uma observação baseada na descrição dos comportamentos dos professores e dos alunos, onde não se interfere no campo observado (Estrela, 1994). Esta descrição “visa explicar o *porquê* e o *para quê*, através do *como*” (Estrela, 1994, p. 47).

Foi através das observações realizadas na PES que foi possível compreender o funcionamento de uma aula de Educação Musical, bem como os principais objetivos a trabalhar nas várias atividades que constituem uma aula desta disciplina. O contacto com diferentes escolas, permitiu compreender, também, as diferentes realidades existentes, assim como diferentes formas de trabalhar e de abordar os conteúdos. O professor deve estar preparado para a desigualdade de recursos mediante cada escola, agilizando e adaptando as suas atividades, sendo o mais importante ouvir e fazer música com os seus alunos.

## **1.2. ESCOLA BÁSICA DE MATOSINHOS**

A Prática de Ensino Supervisionada teve lugar na Escola Básica de Matosinhos (EBM), pelo que as observações realizadas corresponderam, num primeiro momento, às aulas da professora cooperante e, posteriormente, às de um colega de mestrado.

Durante a observação das aulas da professora cooperante verificou-se que as atividades musicais mais realizadas na sala de aula são atividades de audição, interpretação vocal e instrumental e criação musical. Sabe-se que há uma preocupação por parte da professora cooperante em utilizar nas aulas desta disciplina um repertório diversificado, que abranja música desde o período renascentista e barroco até à música contemporânea. O contacto com esta variedade de atividades e repertório presente nas aulas, permite que os alunos desenvolvam uma panóplia de competências a nível musical e cultural.

Uma abordagem frequentemente utilizada pela professora cooperante e que se considerou bastante interessante, foi a gravação das interpretações realizadas pela turma, no final de cada aula, visto que após a audição das mesmas, havia espaço para os alunos comentarem, criticamente, as suas interpretações musicais.

Além disso, a preocupação na contextualização histórica, musical e social após a audição de um tema, assim como o cuidado na utilização de uma terminologia musical adequada por parte da professora, são aspetos que se consideram positivos, no sentido de haver uma maior compreensão, por parte dos alunos, das obras musicais ouvidas, através da aplicação de variados conceitos musicais. Na aprendizagem de um tema musical, a professora cooperante tocou piano. Verificou-se que tanto a professora como os seus alunos, mostram interesse e motivação pelas atividades musicais realizadas. Assim, estes aspetos consideram-se relevantes nas práticas pedagógicas de todos os professores da disciplina.

### **1.3. ESCOLA A**

Nesta instituição de ensino, localizada no centro da cidade do Porto foi observada uma aula de 100 minutos de uma turma do 5º ano de escolaridade. O corpo docente é constituído por dois professores, que lecionam a disciplina de Educação Musical no 2.º e 3.º Ciclos do Ensino Básico. A escola adotou o manual de Educação Musical “Música Cinco” para o 2.º CEB, da editora Santillana. No entanto, o professor organiza os seus próprios materiais, tendo em consideração os conteúdos propostos no manual, para proporcionar outras atividades musicais aos alunos. A escola disponibiliza duas salas para a lecionação desta disciplina, uma sala pequena normal e a sala museu, uma sala muito bem equipada a nível de instrumentos musicais. Esta, é utilizada para a prática instrumental conjunta e para a apresentação de concertos à comunidade escolar.

Durante a observação, foi visível a organização da aula (início, desenvolvimento e produto final), havendo sempre uma ligação coerente na sequência das atividades realizadas. Estas caracterizaram-se por serem diversificadas havendo momentos de audição, de percussão corporal e de prática vocal e instrumental. Importa referir também, que as práticas instrumentais e vocais deste professor se encontram relacionadas com o método Kodály, onde os gestos são associados às notas musicais.

De forma geral, a turma revelou um bom comportamento, mostrando interesse e participação. A nível musical os alunos revelaram um bom desempenho, cumprindo devidamente as indicações do professor. O perfil do professor caracterizava-se por ser dinâmico, não havendo momentos parados na aula observada, o que foi favorável à motivação e concentração dos alunos.

## 1.4. ESCOLA B

A Escola B é uma instituição de ensino privada e conta com excelentes instalações. Por este motivo, o primeiro impacto com este estabelecimento de ensino foi muito positivo.

As aulas de Educação Musical começam numa sala de aula normal, de grandes dimensões, com mesas e cacifos individuais para cada aluno. É aqui que o professor faz a chamada e verifica se os alunos têm o material, enquanto estes escrevem o sumário no caderno. A continuidade da aula dá-se na sala de Educação Musical, uma sala organizada com todo o material desejável, isto é, instrumentos *Orff*, quadro interativo e uma dimensão de sala adequada para uma aula de música. O manual adotado pela escola para a disciplina de Educação Musical intitula-se “Play 5” de Jonas Araújo e Tito Santos.

Uma das maiores aprendizagens que se retirou desta aula foi o envolvimento e a participação ativa de todos os alunos durante a aula. A aprendizagem de todas as partes correspondentes ao instrumental *Orff* foi interpretada por todos os alunos. O “xilofone de papel”, pertencente ao manual escolar da disciplina, é um recurso útil, que permite ao professor avaliar a destreza e agilidade dos alunos. Considera-se que é uma estratégia essencial para envolver todos os alunos quando se pretende ensaiar apenas uma linha de um determinado instrumento. Como não havia instrumentos suficientes para todos os alunos, o professor selecionou alguns alunos que estavam a tocar corretamente no “xilofone de papel” para tocarem nos instrumentos de reais de lâminas. Além disso, pensa-se que esta estratégia é motivadora para os alunos quererem tocar mais e cada vez melhor.

## 2. PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA

O presente capítulo está dividido em duas partes, sendo a primeira referente à caracterização do centro de estágio e a segunda à experiência na PES. No primeiro ponto i) explicamos o projeto educativo, ii) contextualizamos a disciplina de Educação Musical na escola onde se desenvolveu a PES e iii) damos a conhecer a turma da PES. O segundo ponto tem como objetivo aprofundar a importância do contexto de estágio, bem como uma reflexão sobre os principais desafios que surgiram na leção da disciplina de Educação Musical.

### 2.1. ESCOLA BÁSICA DE MATOSINHOS

A Escola Básica de Matosinhos (EBM), sede do Agrupamento de Escolas de Matosinhos (AEM), é uma instituição pública de ensino, que pertence ao concelho de Matosinhos no distrito do Porto. O AEM é constituído por mais três estabelecimentos de educação e ensino, que se encontram geograficamente próximos, sendo estes Escola Básica Augusto Gomes, a Escola Básica Florbela Espanca e a Escola Básica do Godinho. As escolas do agrupamento inserem-se num contexto onde é possível verificar uma grande “heterogeneidade de culturas e saberes e consideráveis desigualdades económicas, culturais e sociais” (p. 4), pois estão inseridas “num contexto socioeconómico que evidencia grandes assimetrias, com indicadores claros de debilidade económica e social” (p. 2). Um número considerável de alunos, cerca de 45%, é subsidiado pela Ação Social Escolar (ASE) e muitos são institucionalizados (AEM, 2021-2025). Devido às dificuldades apresentadas, desde 2007/08 o AEM integra o programa Território Educativo de Intervenção Prioritária (TEIP). Tendo em conta esta realidade, o agrupamento implementa várias medidas, de modo a criar e proporcionar a todos os seus alunos uma igualdade de oportunidades que potencie o sucesso escolar de todos, visto que um dos princípios orientadores passa pela formação de “cidadãos responsáveis e autónomos, dotados dos valores fundamentais da nossa sociedade e das competências essenciais para um bom desempenho escolar e social (AEM, 2021-2025).

O AEM tem cerca de 1500 alunos, desde o pré-escolar até ao 3º ciclo, sendo que cerca de 10% da população discente é constituída por alunos de diferentes nacionalidades. O AEM é responsável

pelo ensino do 1º e 2º ciclos no Estabelecimento Prisional do Porto em Custóias. É um agrupamento que conta com vários parceiros, entre os quais a Escola de Música Óscar da Silva e o Conservatório de Dança e Música (Pallco), que é responsável pela formação dos alunos no ensino articulado de música e de dança. No 2º CEB existem duas turmas do Ensino Artístico Especializado.

Um dos objetivos da EBM passa por promover um ensino de qualidade, de forma a proporcionar a todos os alunos uma formação adequada ao seu perfil, oferecendo igualdade de oportunidades para que participem na escola e na sociedade. A principal missão é formar cidadãos dotados de diversas competências que lhes permitam, no futuro, serem cidadãos livres, responsáveis, interventivos e capazes de enfrentar as exigências da sociedade atual (AEM, 2021-2025).

## **2.2. A DISCIPLINA DE EDUCAÇÃO MUSICAL NA ESCOLA BÁSICA DE MATOSINHOS**

Exposta a oferta educativa da EBM, apresentamos a disciplina de Educação Musical. Abordamos a carga horária, os materiais didáticos, objetivos e parâmetros de avaliação, assim como os recursos. Por fim, damos a conhecer a turma em que se realizou o estágio ao longo do ano letivo.

A disciplina de Educação Musical na EBM é uma componente curricular que pertence ao Departamento de Expressões. O grupo de Educação Musical é constituído por quatro docentes.

### ***Carga horária e material didático***

A disciplina de Educação Musical na Escola Básica de Matosinhos tem uma carga horária semanal de 100 minutos, que se divide em duas sessões de 50 minutos. A escola não adotou nenhum manual escolar para a disciplina, pelo que as atividades realizadas, o repertório e todo o material musical utilizado nas aulas é selecionado e criado pela professora cooperante, pelos restantes professores do grupo M250 da escola e pelos estagiários.

## **Objetivos e parâmetros de avaliação**

O grupo de professores desta disciplina, tem como referência curricular um conjunto de documentos orientadores do Ministério da Educação, nomeadamente o documento “Aprendizagens Essenciais: Articulação com o perfil dos alunos” (2018). A partir deste, o AEM formulou o documento “Educação Musical – Aprendizagens Essenciais em Articulação com o Perfil dos Alunos – 2022-2023”, que sugere que as competências devem ser enquadradas nas áreas de Experimentação e Criação, de Interpretação e Comunicação e de Apropriação e Reflexão, com base numa abordagem flexível e recorrente.

Os aspetos que são considerados ao nível da avaliação dos alunos na disciplina de Educação Musical, passam por um conjunto de indicadores e respetivas percentagens, que se encontram divididos em dois domínios, conforme se verifica na tabela 1. O domínio das atitudes (40%) é relativo à responsabilidade, autonomia, participação, cooperação e sociabilidade do aluno. O domínio cognitivo (60%) contempla a aquisição de cultura e de conhecimentos musicais (conteúdos, estilos, épocas e artistas diversos da História da Música), a realização de trabalhos escritos e o desenvolvimento de capacidades musicais, nomeadamente cantar, tocar, saber ouvir e identificar, escrever, improvisar, entre outros aspetos.

*Tabela 1 – Indicadores de avaliação na disciplina de Educação Musical na EBM*

|  |   |      |
|--|---|------|
| <b>Saber Ser /<br/>Saber Estar</b><br>(Domínio das atitudes) | Responsabilidade<br>Autonomia / Participação<br>Cooperação / Sociabilidade          | 40 % |
| <b>Saber /<br/>Saber Fazer</b><br>(Domínio cognitivo)        | Interpretar a nível vocal, instrumental e corporal a solo e em grupo peças musicais | 20 % |
|  | Ouvir e identificar criticamente estilos e géneros musicais diversos                | 10 % |
|  | Experimentar / Improvisar / Compor peças musicais                                   | 15 % |
|  | Adquirir e aplicar conhecimentos musicais   | 15 % |

## Recursos

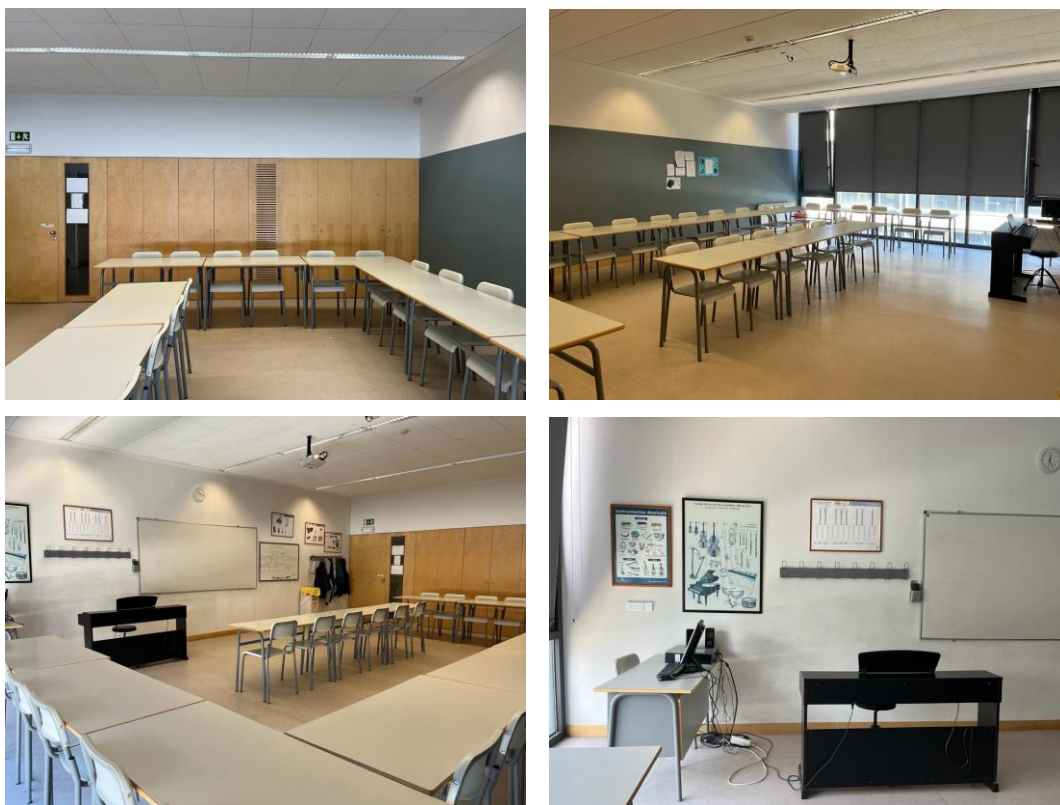
A sala onde decorrem as aulas de Educação Musical do 2º CEB é numa sala específica (sala EM2), que se encontra equipada com um projetor multimédia, um computador com acesso à internet, um quadro de pautas, um quadro magnético branco, uma aparelhagem completa com colunas, um leitor de CD's e MP3 e um gravador disponibilizado pela professora cooperante.

A sala está equipada, também, por um conjunto de instrumentos musicais, conforme se pode visualizar na tabela 2. Os instrumentos de lâminas não se encontram em muito bom estado, dado que certas lâminas se encontram rachadas, o que prejudica a qualidade do som produzido. No armário da sala onde decorrem as aulas de música estão presentes instrumentos não convencionais, pertencentes à professora cooperante.

Tabela 2 – Conjunto de instrumentos presentes na EBM

| Instrumentos   |                    |                       |                     |                    |
|--|--------------------|-----------------------|---------------------|--------------------|
| Piano digital, guitarra clássica, baixo elétrico e bateria |                    |                       |                     |                    |
| Instrumentos Orff  |                    |                       |                     |                    |
| Família das madeiras                                       |                    | Família dos metais    |                     | Família das peles  |
| Altura definida  | Altura indefinida  | Altura definida       | Altura indefinida   | Altura indefinida  |
| Xilofone soprano   | Clavas             | Jogo de sinos soprano | Pratos              | Tamborins          |
| Xilofone alto  | Reco-reco          | Jogo de sinos alto    | Pandeiretas s/ pele | Pandeireta c/ pele |
| Xilofone baixo   | Caixa chinesa      | Metalofone alto       | Guizeiras           | Bongós             |
|  | Bloco de dois sons |                       | Triângulo           |                    |
|  | Maracas            |                       | Pratos              |                    |

Figura 1 – Diferentes perspetivas da sala de aula onde decorre as aulas de Educação Musical na EBM



A EBM dispõe de um grande e amplo auditório, devidamente preparado para a realização de concertos, audições, entre outras atividades educativas. O mesmo encontra-se equipado por um conjunto de recursos, como um sistema de som, um sistema de luzes e projeção de imagem/vídeo. É um espaço onde é possível realizar várias apresentações públicas ao longo do ano letivo por toda a comunidade educativa.

Relativamente à disciplina de Educação Musical, é frequente os professores organizarem e realizarem com os seus alunos várias atuações públicas, com o intuito de consolidar o trabalho desenvolvido dentro da sala de aula e dar a conhecer o mesmo à restante comunidade educativa.

## 2.3. CARACTERIZAÇÃO DA TURMA DA PES

A PES incidiu numa turma do 5º ano de escolaridade, constituída por 20 alunos, dos quais 7 eram raparigas e 13 eram rapazes, com idades compreendidas entre os 9 e os 11 anos.

No que se refere ao nível socioeconómico, sabe-se que dos vinte alunos da turma, sete beneficiam de apoio económico através da Ação Social Escolar. A cinco alunos foi atribuído o escalão A e a dois o escalão B.

A turma apresenta um caso de retenção, ocorrido no 1.º Ciclo. O aproveitamento escolar da turma, no final do ano letivo foi considerado bom, havendo cinco alunos com média de 5.

Quanto à formação musical dos alunos, sabe-se que uma grande maioria ( $n=17$ ) frequentou aulas de música no 1º ciclo, no âmbito das AEC (Atividades de Enriquecimento Curricular). Ao nível do ensino de música artístico, um aluno frequenta o regime supletivo na classe de oboé. Também a EBM dispõe de aulas de piano, como oferta complementar, fazendo parte destas aulas três alunas da turma em questão. Sabe-se ainda que um aluno frequenta aulas de música numa escola do concelho.

A turma foi inquirida sobre as atividades musicais que mais gostava de realizar nas aulas da disciplina de Educação Musical e elegeu "Tocar xilofones, metalofones e jogos de sinos", "ouvir música", "criar música" e "improvisar música" como as suas atividades preferidas.

Caracteriza-se por ser uma turma heterogénea ao nível da participação, pois foi notório a prevalência de determinados alunos na intervenção oral no decorrer da aula. Este aspeto tornava-se mais evidente nas respostas às perguntas colocadas, pois eram, maioritariamente, os mesmos alunos a demonstrar iniciativa. Globalmente, foi visível o envolvimento da turma na realização das atividades dinamizadas, através do empenho que demonstraram.

Relativamente ao comportamento e postura dentro da sala de aula, grande parte dos alunos cumpriam as regras e apresentavam uma postura adequada. No entanto, era recorrente haver conversas paralelas na mudança de atividades ou nos momentos de diálogo entre aluno e

professor. Nesses momentos, era necessário haver uma postura mais assertiva por parte da estagiária.

Quanto ao nível musical, a turma caracteriza-se, também, pela sua heterogeneidade, havendo alunos com excelentes capacidades ao nível vocal e instrumental, mas também alunos que apresentam dificuldades no âmbito dos aspetos mencionados, que foram minimizadas ao longo do ano letivo.

A relação entre professor e aluno foi cordial, havendo sempre respeito e compreensão entre ambas as partes. Foi uma relação onde prevaleceu um clima descontraído e, por esse motivo, favorável para o processo de ensino e aprendizagem ao longo da PES.

## **2.4. REFLEXÃO CRÍTICA DA PRÁTICA DE ENSINO SUPERVISIONADA**

Após o processo de observação, seguiu-se o processo de planificação e de lecionação, que, apesar de não serem experiências novas, trouxeram novas aprendizagens, que enriqueceram e complementaram as práticas pedagógicas. No ano letivo anterior foi concluída a PES no âmbito da disciplina de Formação Musical no Ensino Artístico Especializado. Foram dois anos repletos de desafios, com experiências diferentes, inseridos em contextos também diferentes. Pensa-se que a formação em cada área contribuiu para complementar e enriquecer as práticas pedagógicas, tendo consciência que esta dupla formação pode ser uma mais-valia enquanto docente de cada uma destas áreas do saber.

O estágio é um meio que providencia ao futuro professor, o contacto com uma realidade muito próxima daquilo que é ser professor da disciplina de Educação Musical. É uma oportunidade para colocar em prática todos os conhecimentos adquiridos na área da pedagogia e da didática aprendidos ao longo de todo o percurso académico. Neste sentido, a PES é fulcral para a formação inicial de professores. Além disso, permite uma constante colaboração entre professores e alunos, onde são discutidas várias práticas e abordagens pedagógicas. As experiências vivenciadas durante a prática pedagógica passaram por três fases, sendo elas a observação, a planificação e a lecionação, orientadas constantemente por uma reflexão. Ao longo de todo o processo houve o apoio constante da professora cooperante e dos professores supervisores.

### **2.4.1. Equilíbrio entre planificar, lecionar, refletir e avaliar**

No início do estágio, tendo em conta que a lecionação da disciplina de Educação Musical era uma experiência nova, sentiu-se alguma insegurança aliada à ambição de proporcionar uma boa aprendizagem musical à turma que acompanhou a PES. À medida que se começou a refletir sobre a prática, e a seguir as indicações fornecidas pelos professores, percebeu-se a dinâmica da planificação e da lecionação, conseguindo enfrentar este desafio com grande espírito de iniciativa e de responsabilidade.

Segundo Arends (2008), planificar é um processo importante que envolve várias decisões relativas “ao que é” e à “forma como é” ensinado. Arends (2008) refere que é um processo “multifacetado e contínuo” que envolve três fases cíclicas, sendo elas i) a planificação (antes da aula), referente à escolha de conteúdos, abordagens e estratégias, estrutura da aula e atribuição do tempo para cada atividade, ii) a lecionação (durante a aula), onde se apresenta e proporciona a prática e, iii) a avaliação (após a aula), que avalia o desempenho. Deste modo, as planificações foram cruciais para a preparação da lecionação, na medida em que envolveu várias decisões relativas ao que ensinar e como ensinar.

Foi difícil elaborar logo no início uma planificação a médio prazo coerente, dado que era uma fase muito incipiente da PES, onde não se conhecia os alunos, nem a dinâmica das aulas. Como tal, estabeleceu-se uma linha organizadora à medida que se foi compreendendo a dinâmica das aulas, tomando sempre consciência das atividades e conteúdos obrigatórios.

No contexto da PES, as planificações faziam parte de um documento formal, que compreendia as áreas de competência do perfil dos alunos (competências gerais), as aprendizagens essenciais (Ministério da Educação, 2018), organizadas em três domínios, “Experimentação e Criação”; “Interpretação e Comunicação” e “Apropriação e Reflexão”, o desenvolvimento da aula (descrição das atividades e suas estratégias), os recursos utilizados e as referências bibliográficas e *webgráficas*.

As planificações realizadas semanalmente encontravam-se organizadas em três grandes partes, sendo elas o início da aula, o desenvolvimento e a conclusão:

1. No começo da aula, realizava-se a chamada, enquanto os alunos escreviam o sumário, que se encontrava projetado, através de um *powerpoint*, no quadro branco da sala. Aqui, era frequente os alunos ouvirem um tema musical, que se encontrava relacionado com a temática da aula. Seguiu-se um breve relaxamento e aquecimento vocal.
2. Após a primeira parte, o desenvolvimento da aula consistia numa contextualização do tema que iria ser interpretado, seguindo-se a sua aprendizagem. Por este motivo, atividades dedicadas à interpretação, à audição e à criação musical correspondiam à parte central da aula, onde se procurava atingir o melhor resultado possível.

3. Tentou-se em todas as aulas que existisse um produto final, resultado do trabalho desenvolvido durante 50 minutos de aula.

Como foi referido anteriormente, sempre que se iniciava uma peça musical, antes da prática vocal e/ou instrumental, era abordada uma breve contextualização, de forma a expandir os conhecimentos e a cultura musical dos alunos. Contrariando uma abordagem expositiva, tentou-se que as contextualizações dos temas promovessem sempre a participação da turma, reduzindo o tempo de inatividade dos alunos durante esta parte da aula, pois de acordo com Pedroso (2003, p.6) “é fundamental a implicação e participação activa dos alunos em experiências de aprendizagem diversificadas, por oposição à situação de meros receptores passivos de informação”.

Ao longo da PES, aprendeu-se que a contextualização deve abranger os aspetos essenciais e, partir do conhecimento dos alunos, sendo função do professor orientar o diálogo estabelecido, aprofundando o tema de forma eficaz. Segundo Freire (1996, p. 21) “Ensinar não é transferir conhecimentos, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”.

Após a contextualização, seguiu-se a prática musical conjunta, momento central de todas aulas. De acordo com o Programa de Educação Musical no 2.º Ciclo do Ensino Básico “FAZER MÚSICA é a questão mais importante” (ME, 1991a, p.213).

Proporcionar atividades musicais diversificadas, aliadas ao desenvolvimento de competências musicais, através do envolvimento direto dos alunos com a música: audição, interpretação e criação musical (Swanwick, 1979) foi um enorme desafio. Considera-se que se desenvolveu competências ao nível da realização de planificações de aula, pensando em atividades e em estratégias, através de uma condução lógica.

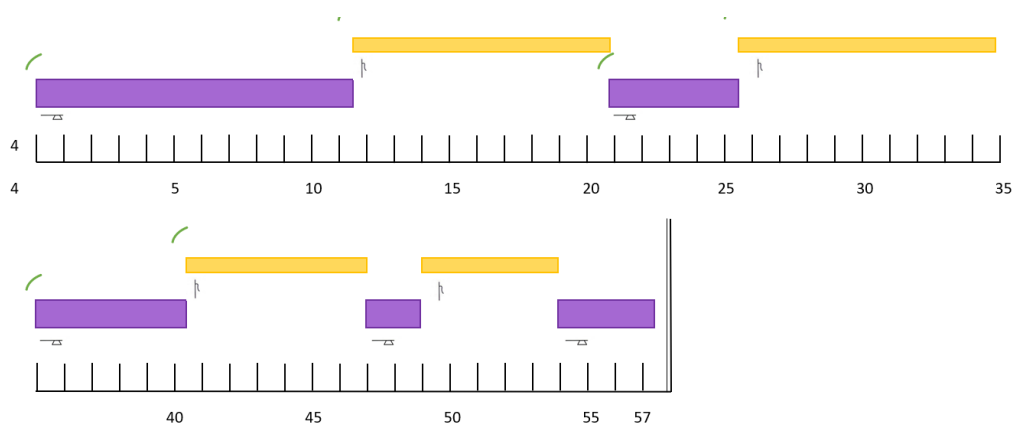
### ***Atividades musicais desenvolvidas e seus desafios***

Ao longo da PES, procurou-se desenvolver nos alunos competências ao nível da audição, através de diferentes estratégias. Antes de introduzir um novo tema musical, procurou-se incluir um momento de audição, pelo que antes da mesma eram colocadas questões, ao nível de

identificação de elementos musicais (timbre, forma, pulsação, orquestração), que orientavam os alunos nos aspetos que deviam atentar durante a atividade, pois “É importante ensinar as crianças a cantar, a tocar e a dançar. Mas não menos importante é ensiná-las a saber ouvir música” (Wuytack & Boal-Palheiros, 2013, p. 32).

A audição musical ativa implica, tal como o nome refere, envolver o ouvinte ativamente, promovendo a compreensão do que se está a passar na música para, posteriormente, apreciá-la (Wuytack & Boal-Palheiros, 2013). Neste âmbito, foi realizada uma dança, com base numa peça de um compositor erudito português – primeiro andamento (allegro) do Concerto em Lá Maior de Carlos Seixas. Além do andamento e dos instrumentos presentes, os alunos conseguiram identificar a forma do concerto (alternância entre solista e *tutti*), com o apoio visual do musicograma.

Figura 2 – Musicograma utilizado em aula: Concerto para cravo e orquestra, em Lá Maior de Carlos Seixas (1704-1742)



De forma a promover e a desenvolver o pensamento crítico dos alunos, quando possível, os momentos finais da aula, eram dedicados à gravação do tema interpretado e à audição crítica do mesmo. Através desta estratégia havia espaço para os alunos refletirem sobre os aspetos positivos e a melhorar, em articulação com as orientações das professoras (cooperante e estagiária). “O professor deverá gravar as realizações dos alunos para que se ouçam a si mesmos e promovam o seu próprio progresso no âmbito da criação e da interpretação” (ME, 1991b).

A interpretação vocal e/ou instrumental foi a atividade mais comumente dinamizada durante a PES. Assumiu-se uma postura exigente e rigorosa em todas as interpretações dos alunos. Além

disso, a direção musical da turma era clara, tendo conseguido resultados musicais muito bons. Procurou-se abordar um repertório variado, uma vez que para muitos alunos as aulas de Educação Musical serão o único momento onde terão oportunidade de conhecer e estabelecerem contacto com um repertório variado. No entanto, reconhece-se que se poderia ter abordado um repertório culturalmente mais próximo dos alunos, incidindo mais concretamente na música Rock e Pop. Pensa-se que é necessário um equilíbrio entre o repertório que o professor considera importante abordar e o repertório culturalmente próximo dos alunos. Ao nível da música contemporânea realizou-se uma adaptação da peça *In C* de Terry Riley para os alunos interpretarem em xilofones, metalofones e jogos de sinos.

A criação de materiais próprios e de recursos para a concretização das atividades foi desafiante e motivadora. Compor os próprios arranjos musicais foi fundamental, na medida em que foi possível adaptá-los ao nível de desenvolvimento musical dos alunos e aos recursos disponíveis. No entanto, reconhece-se que alguns deles eram particularmente difíceis, tendo essa consciência apenas no final da lecionação, através da reflexão. Toma-se como exemplo a interpretação do tema "O malhão", que foi lecionado durante quatro aulas e o resultado ficou aquém das expectativas, pelo que nos arranjos posteriores teve-se em atenção este aspeto. De forma a contrariar esta problemática, considera-se necessário pensar naquilo que os alunos conseguem fazer, contribuindo para um resultado musical eficaz e estimulando a motivação dos alunos pela prática musical, quer seja ela a cantar, a dançar ou a tocar. Houve uma evolução na elaboração dos arranjos ao longo da PES.

A estratégia da imitação foi bastante utilizada, visto ser "essencial no ensino a crianças (...) é uma maneira direta de aprender" (Wuytack & Boal-Palheiros, 2013, p. 9). A preparação dos temas foi feita por camadas, de forma a integrar, sequencialmente, as diferentes partes do arranjo. A notação musical encontrava-se sempre presente, apresentando aos alunos a partitura dos arranjos, como referência visual à interpretação.

1. Durante o processo de aprendizagem de instrumentos de lâminas, seguiu-se frequentemente uma abordagem dividida em três etapas (cantar, tocar no "xilofone de papel" e cantar e, por último, tocar), que se considera ter funcionado muito bem, pois permitiu envolver todos os alunos. Recorreu-se ao "xilofone de papel" como estratégia

para envolver todos os alunos, dado que não havia instrumentos de percussão de altura definida suficientes. Além disso, funcionou em muitos momentos como “casting”, permitindo visualizar quais os alunos que não apresentavam dificuldades ao nível de coordenação motora e rítmica. A estes foi atribuído o instrumento real. Esta estratégia fez com que os alunos se empenhassem, pois, tocar instrumentos de lâminas foi a atividade de que os alunos mais gostaram. Como tal, o “xilofone de papel” permitiu envolver a turma de duas formas, com benefícios distintos: envolver o aluno que não se encontra a tocar no instrumento real e ver o “xilofone de papel” como instrumento simulador de ensaio para a transição do instrumento real. Era frequente haver um *casting*, onde se verificava a coordenação rítmica e motora dos alunos. Os que estavam a fazer corretamente no “xilofone de papel”, poderiam ser selecionados para tocar nos instrumentos de lâminas.

2. A interpretação vocal foi uma das atividades mais desafiantes. Sendo o canto uma peça fulcral nesta disciplina, torna-se essencial que as crianças aprendam a cantar bem. Nas primeiras aulas, percebeu-se que se tinha de trabalhar este aspeto de forma rigorosa, de forma a melhorar a afinação vocal e a postura dos alunos. Para tal, o aquecimento vocal era composto por três etapas, sendo a primeira relativa a exercícios de relaxamento e postura (alongamento dos braços e movimentos rotativos dos ombros e da nuca), com vista a promover a consciência e relaxamento corporal e uma postura correta; o segundo exercício era direcionado a técnicas de respiração para exercitar o diafragma (sons *ftt*, *sch* e *ss* e respiração diafragmática, expirando pela boca em “*ss*”) e, por fim, a realização de vocalizos, de forma ascendente e descendente, por intervalos de meios tons.
3. Apelou-se à consciência da projeção vocal e à correção de uma postura de “aula de música”. Utilizou-se a imitação, como ferramenta na aprendizagem de melodias, sendo fundamental dar um bom exemplo, produzindo um som de qualidade, algo que se pensa ter conseguido. O suporte vocal da professora cooperante e dos colegas de estágio foi importante, dado que se encontravam em pontos distantes da sala. Além disso, permanecia-se junto dos alunos que se considerava que tinham mais dificuldade, de modo a encontrarem um ponto de referência. O acompanhamento harmónico realizado ao piano

---

<sup>1</sup> Realizou-se um questionário aos alunos da turma da PES, de forma a perceber as suas atividades musicais preferidas

foi essencial para ajudar a manter a afinação dos alunos, tanto no aquecimento vocal como na própria interpretação.

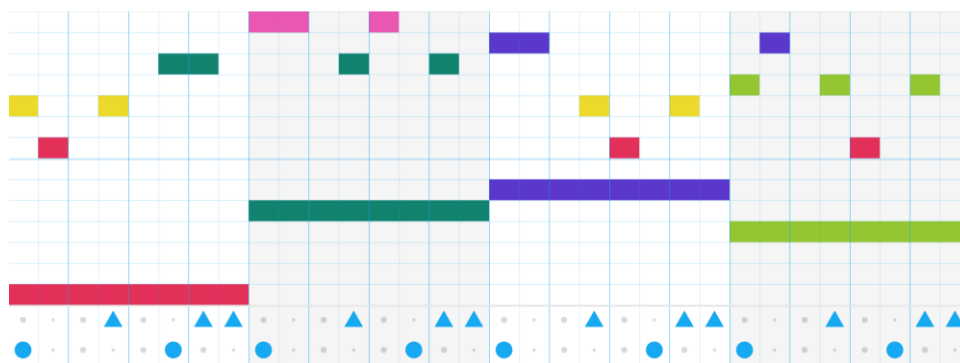
Ao nível do parâmetro da criação musical foram dinamizadas várias atividades. Foi realizada uma paisagem sonora da praia, através da voz, de percussão corporal e de fontes sonoras não convencionais, que fez parte da introdução do tema “O mar enrola na areia”, tema musical preferido dos alunos<sup>2</sup>. Para tal, foi pedido, previamente, aos alunos para pensarem num som relacionado com a praia e que trouxessem para aula. Foi a partir daí, que se construiu uma paisagem sonora da praia, dirigindo os sons que foram agrupados em seis grupos: o vento (sons produzidos pela boca), as gaivotas (voz), o mar (*ocean drum*) e fonte sonora não convencional), a chuva (estalar de dedos), e o dos caranguejos (fonte sonora não convencional). A ordem de entrada e saída dos sons foi planeada em conjunto com os alunos.

Uma das atividades de composição realizadas, nomeadamente a que se recorreu à plataforma *Song Maker*, é um exemplo onde os alunos podem explorar, de forma autónoma, as potencialidades do *software*, com base nas regras estabelecidas e explicadas previamente aos alunos. A turma mostrou interesse pela atividade. Alguns alunos partilharam na plataforma *Classroom* as suas composições, aos quais foi dado *feedback* relativamente às mesmas. De forma a dar continuidade a este trabalho, o passo seguinte passou pela interpretação do tema demonstrado aos alunos, com recurso aos *boomwhackers* (melodia), xilofone baixo (acompanhamento) e bongós (ritmo).

---

<sup>2</sup> Através da realização de um questionário, com o objetivo de compreender o tema musical preferido dos alunos que foi abordado ao longo da PES.

Figura 3 – Exemplo da atividade de composição na plataforma Song Maker



A criação de uma coreografia por parte dos alunos, com base no tema tradicional português “Tiro liro liro” e com recurso a paus de madeira foi, também, uma das atividades de criação musical dinamizadas. O primeiro passo deste processo consistiu na aprendizagem de uma coreografia organizada em quatro partes, em formato roda, onde cada aluno tinha dois paus de madeira. Após a exemplificação de uma coreografia, dividiu-se a turma em dois grupos pedindo para cada um criar uma coreografia com quatro partes diferentes.

Foi ainda realizada uma atividade de improvisação musical, orientada por regras. Recorreu-se à forma Rondó (A-B-A-C-A-D-A) para promover a improvisação melódica e rítmica em grupo, com base num *play-along*. A parte principal (A) consistiu numa frase tocada pela turma na flauta, de forma a promover o envolvimento de todos os alunos. As restantes partes (B, C e D) corresponderam a momentos de improvisação orientadas por regras, através de xilofones, jogos de sinos, bongós, clavas e pandeireta.

As estratégias utilizadas no processo de planificação e de lecionação revelaram-se, em alguns momentos, não serem as mais adequadas para as atividades dinamizadas. No final da lecionação de todas as aulas, a professora cooperante desempenhou um papel muito importante na reflexão em conjunto, sobre as opções tomadas durante a lecionação, tanto as que foram bem-sucedidas, como as que poderiam ter sido diferentes. Esta orientação, afetou, positivamente, o desempenho posterior, assim como a autoconfiança relativamente à execução das atividades.

O exercício de reflexão foi promovido ao longo da PES e, contribuiu, de forma positiva, para a formação docente. Aula após aula era realizada uma reflexão, que considerava os aspetos a serem melhorados, como também os que se considerava manter. A reflexão sobre a lecionação,

de forma a perceber as diferenças e o motivo pelo qual não coincidiram, caso assim fosse. Percebeu-se que podiam ser várias as razões, nomeadamente dificuldades dos alunos que não foram previstas, tempo atribuído a cada atividade inadequado, adequação do arranjo musical às competências musicais dos alunos e estratégias pedagógicas utilizadas. Por exemplo, a gestão do tempo durante a realização das planificações, foi pensada e definida para cada atividade. No entanto, durante a prática foi necessário adaptar a duração de cada atividade da aula, mediante o comportamento, envolvimento e dificuldades apresentadas pela turma. Pensa-se que adotar uma gestão flexível da planificação é importante para enfrentar possíveis obstáculos que possam surgir. Na perspetiva de Alarcão e Tavares (2003) “o professor deve estar preparado para se desprender dos planos ou alterá-los se algum fator, não previsível no momento da sua elaboração, assim o exigir” (p. 159).

As Unidades Curriculares da Escola Superior de Educação, nomeadamente as aulas de Metodologia e Didática I e II, foram cruciais, na medida em que os professores fomentavam momentos de partilha e discussão em torno de práticas de ensino de música, através da realização de debates entre colegas e professores, como também na demonstração e simulação de aulas. Foi com base nesse conhecimento adquirido, que se enriqueceu as planificações, contribuindo também com várias reflexões sobre as estratégias adequadas para a aprendizagem dos alunos.

A avaliação, elemento também importante neste processo, foi realizada a partir de uma observação ao longo do decorrer da aula, havendo um registo numa grelha que contemplava o desempenho de cada aluno (competências específicas), bem o seu empenho, participação, responsabilidade e comportamento (competências gerais). Contudo, reconhece-se a falta de momentos de avaliação individual, nomeadamente avaliações práticas onde os alunos interpretam um tema musical aprendido.

### ***Relação pedagógica***

Desde o início do ano letivo, procurou-se estabelecer uma relação cordial com a turma, que foi resultando numa relação de confiança e respeito mútuo, havendo vários momentos de risos, assim como momentos de tensão, devido a faltas de concentração, pois tratava-se de uma turma

faladora, com alguns momentos de conversas paralelas. Foi criado um ambiente relaxado, propício à exposição de dúvidas e à partilha de conhecimentos e experiências, sem comprometer o bom funcionamento das atividades desenvolvidas. A turma foi mostrando mais interesse, motivação e empenho pelas atividades realizadas, o que remeteu para um sentimento de felicidade.

Utilizou-se a plataforma *Google Classroom*, onde se colocava todos os materiais utilizados nas aulas para os alunos poderem aceder aos mesmos. Foi um meio de comunicação eficaz entre a professora cooperante e estagiária e os alunos. Além disso, sendo uma preocupação estimular e desenvolver a autonomia e, por sua vez, as competências musicais dos alunos, pensa-se que com os recursos disponibilizados, a par dos recursos dos próprios alunos (flauta de bisel, voz, “xilofone de papel”, entre outros) poderia ser uma boa forma de estimular o estudo autónomo que, por vezes era pedido em contexto de sala de aula.

É também de referir que a relação estabelecida com os outros professores, através das reuniões de avaliação do conselho de turma e da colaboração com projetos de cariz interdisciplinar foi importante. Em todos eles, participou-se de forma empenhada, contribuindo da melhor forma possível para que tudo corresse bem.

### ***Concertos***

Os concertos realizados (Natal e de Final de Ano) foram organizados pela professora cooperante em conjunto com os colegas de estágio e tiveram lugar no auditório da EBM com a presença dos Encarregados de Educação e familiares dos alunos, da Diretora e de alguns professores da escola. Pensa-se que foram dois momentos de aprendizagem significativos, tanto para os alunos, como para os estagiários. Destaca-se o Concerto de Final de Ano, uma vez que foi um momento onde após um ano letivo de PES, os alunos tiveram oportunidade de partilhar e de mostrar três peças trabalhadas em contexto de sala de aula. É um enorme orgulho ver o empenho e postura da turma, que unida, conseguiu mostrar parte do trabalho desenvolvido e valores que foram transmitidos ao longo do ano letivo, tais como cooperação, colaboração e responsabilidade. A participação e envolvimento nestes projetos é fundamental para o crescimento pessoal e profissional, uma vez que se desenvolveu competências pedagógicas e musicais. Sentiu-se que foram momentos

gratificantes, pois todo trabalho desenvolvido foi recompensado através do sucesso das apresentações realizadas pelos alunos. Deste modo, proporcionar aos alunos a oportunidade de fazer música em conjunto para um público é maravilhoso. Não esquecendo que estas oportunidades estão inseridas numa disciplina que tem apenas a duração de dois anos, pensa-se que a dinamização destes projetos faz todo o sentido, para uma aprendizagem musical mais significativa, além de ser uma forma de valorizar a disciplina.

A tabela seguinte apresenta as atividades desenvolvidas e os concertos e atividades realizadas ao longo da PES.

Tabela 3 - Cronograma da PES

| Semanas e datas       | Aulas              | Tema(s) / Atividades Musicais   | Atividades na escola                              |
|-----------------------|--------------------|---|---|
| 1ª - outubro (10-14)  | Observação         | Interpretação e Composição<br>"Leitura embrulhada" – interpretação de uma peça com folhas de revista;<br>Interpretação da peça "Chuva sem água" com percussão corporal                                  |   |
| 2ª - outubro (17-21)  | Cooperação         | Audição e Interpretação<br>Interpretação do 2º andamento da "Sinfonia dos brinquedos" na flauta de bisel.   |   |
| 3ª - outubro (24-28)  | Cooperação         | Interpretação e Improvisação<br>"C Jam Blues" de Duke Ellington.<br>Coreografia "The skeleton dance".   |   |
| 4ª - outubro (31-04)  | Cooperação         | Audição da "Dança Macabra" de Saint-Saëns   | Apresentação da dança "The Skeleton Dance" na EBM |
| 5ª - novembro (07-11) | Lecionação (1 e 2) | <b>Audição e Interpretação</b><br>- Audição Ativa do tema "O Fortuna Carmina Burana" de Carl Orff<br>- Interpretação do tema "O Fortuna Carmina Burana" de Carl Orff na flauta de bisel.                |   |
| 6ª - novembro (14-18) | Lecionação (3 e 4) | <b>Audição e Interpretação</b><br><b>Supervisão (aula 3)</b><br>- Interpretação da canção "Kye Kye Kule (Che Che Kule)" – tradicional do Gana.<br>- Interpretação do tema "Troika" de Pierre Van Hauwe. |   |
| 7ª - novembro (21-25) | Lecionação (5 e 6) | <b>Interpretação</b><br>Conclusão da interpretação do tema "Troika" de Pierre Van Hauwe.  |   |

|                         |                                      |  |                                       |
|-------------------------|--------------------------------------|--|---------------------------------------|
| 8ª – novembro (28-02)   | Lecionação (7 e 8)                   | <b>Interpretação</b><br>– Interpretação do tema “Natal Africano”   |                                       |
| 9ª – dezembro (05-09)   | Lecionação (9 e 10)                  | <b>Audição e Interpretação</b><br>– Preparação para o concerto de Natal – Continuação e conclusão da interpretação do tema “Natal Africano”  |                                       |
| 10ª – dezembro (12-16)  | Lecionação (11 e 12)                 | <b>Audição e Interpretação</b><br>– Preparação para o concerto de Natal – Interpretação do tema “Natal Africano” e “Queria ser Pai Natal”  | Concerto de Natal no auditório da EBM |
| 11ª – dezembro (19-23)  | <b>Interrupção letiva – Natal</b>    |  |                                       |
| 12ª – dezembro (26-30)  |                                      |  |                                       |
| 13ª – janeiro (2-6)     | Lecionação (13)                      | <b>Audição e Interpretação</b><br>Interpretação vocal do tema “O Inverno” de Manuela Encarnação  |                                       |
| 14ª – janeiro (9-13)    | Lecionação (14 e 15)                 | <b>Audição e Interpretação</b><br>Audição do 1º andamento do concerto no.4 (Inverno) de Vivaldi; Conclusão da interpretação em cânone do tema “O Inverno” de Manuela Encarnação; Tradições e costumes musicais nacionais – Pauliteiros de Miranda e Rancho Folclórico; |                                       |
| 15ª – janeiro (16-20)   | Lecionação (16 e 17)                 | <b>Audição, Interpretação e Criação</b><br>Coreografia com base no tema “Tiro liro liro”.<br>Interpretação da canção tradicional portuguesa “Malhão”.  |                                       |
| 16ª – janeiro (23-27)   | Lecionação (18 e 19)                 | <b>Interpretação</b><br>Continuação da interpretação da canção tradicional portuguesa “Malhão”.  |                                       |
| 17ª – janeiro (30-03)   | <b>Greve do pessoal não docente</b>  |  |                                       |
| 18ª – fevereiro (6-10)  | Lecionação (20 e 21)                 | <b>Interpretação</b><br>Conclusão da interpretação da canção tradicional portuguesa “Malhão”.<br>Preparação da “Viagem pelo(s) teatro(s)” – interpretação do tema “Grego E”  |                                       |
| 19ª – fevereiro (13-17) | Lecionação (22 e 23)                 | <b>Audição e Interpretação</b><br><b>Supervisão (aula 22)</b><br>Interpretação do tema “Desfado” da fadista Ana Moura.<br>Preparação da “Viagem pelo(s) teatro(s)” – interpretação do tema “Grego E” e “We are the world” de Michael Jackson                           |                                       |
| 20ª – fevereiro (20-24) | <b>Interrupção letiva – Carnaval</b> |  |                                       |

|                         |   |   |  |
|-------------------------|---|---|--|
| 21ª – fevereiro (27-03) | Lecionação (24)                               | <b>Audição e Interpretação</b><br>Interpretação da canção tradicional portuguesa “O mar enrola na areia”.   | Apresentação do teatro “Viagens pelo(s) teatro(s)” no auditório da EBM |
| 22ª – março (06-10)     | Lecionação (25 e 26)                          | <b>Interpretação e Composição</b><br>Continuação da interpretação da canção tradicional portuguesa “O mar enrola na areia”.<br>Criação de uma paisagem sonora da praia;   |  |
| 23ª – março (13-17)     | Lecionação (27 e 28)                          | <b>Audição e Interpretação</b><br>Conclusão interpretação da canção tradicional portuguesa “O mar enrola na areia”.<br>Interpretação do tema “Ó Rama da Oliveira”.  |  |
| 24ª – março (20-24)     | Lecionação (29 e 30)                          | <b>Audição e Interpretação</b><br>Continuação da interpretação do tema “Ó Rama da Oliveira”<br>Interpretação do tema “Não há estrelas no céu” de Rui Veloso   |  |
| 25ª – março (27-31)     | Lecionação (31 e 32)                          | <b>Interpretação</b><br>Realização da autoavaliação;<br>Continuação e conclusão da interpretação do tema “Não há estrelas no céu” de Rui Veloso.  |  |
| 26ª – abril (03-07)     | <b>Interrupção letiva – Páscoa</b>            |   |  |
| 27ª – abril (10-14)     |   |   |  |
| 28ª – abril (17-21)     | Lecionação (33 e 34)                          | <b>Audição e Interpretação</b><br><b>Música erudita portuguesa</b><br>Audição musical ativa: Concerto em Lá M para cravo e orquestra de cordas de Carlos Seixas;<br>Interpretação da “Canção dos abraços” de Sérgio Godinho e Jorge Constante Pereira |  |
| 29ª – abril (24-28)     | <b>Greve do pessoal não docente e feriado</b> |   |  |
| 30ª – maio (01-05)      | Lecionação (35)                               | <b>Interpretação</b><br>Continuação da interpretação do tema “Canção dos abraços” de Sérgio Godinho e Jorge Constante Pereira.  |  |
| 31ª – maio (08-12)      | Lecionação (36 e 37)                          | <b>Interpretação</b><br>Preparação para o concerto de Final de Ano  | Concerto de final de Ano no auditório da EBM                           |
| 32ª – maio (15-19)      | Lecionação (38 e 39)                          | <b>Audição e Interpretação</b><br><b>Supervisão (aula 38)</b><br><b>Música contemporânea</b><br>Interpretação de uma adaptação da peça <i>In C</i> de Terry Riley;<br>Interpretação do tema “O meu chapéu tem três bicos”.                            |  |
| 33ª – maio (22-26)      | Lecionação (40 e 41)                          | <b>Interpretação e Composição</b><br><b>Atividade de Composição</b>   |  |

|                            |                 |  |  |
|----------------------------|-----------------|--|--|
|                            |                 | Continuação e conclusão da interpretação do tema "O meu chapéu tem três bicos"<br>Atividade de composição, através da plataforma <i>Song Maker</i> . |  |
| <b>34ª – maio (29-02)</b>  |                 | <b>29/05 – Dia do Agrupamento – Visita de Estudo ao CIMAR</b><br><b>30/05 – Dia do Senhor de Matosinhos</b>  |  |
| <b>35ª – junho (05-09)</b> | Lecionação (42) | <b>05/06 – Concurso de flautas de bisel</b><br>06/06 – Conclusão da atividade de composição  | Concurso de Flauta de Bisel do 5.º e 6.º ano |
| <b>36ª – junho (12-16)</b> | Lecionação (43) | <b>Improvisação e Interpretação</b><br>Atividade de improvisação   |  |

## 3. PROJETO DE INVESTIGAÇÃO

### 3.1. INTRODUÇÃO

O trabalho de investigação tem como objetivo compreender as perspetivas dos alunos sobre as aulas de Educação Musical do 2º Ciclo do Ensino Básico, nomeadamente sobre as atividades musicais realizadas pelos professores da disciplina, as práticas pedagógicas desenvolvidas nas aulas e como é que estes percebem as preferências dos alunos pelas atividades realizadas. Torna-se importante tornar as aulas num espaço onde os alunos possam desenvolver um conjunto de competências a nível musical, pessoal e social, mas também desenvolver e proporcionar o gosto pela música. Assim, a pertinência do tema assenta em compreender e refletir sobre as perspetivas de ambos os lados, dos professores e dos alunos, de modo a proporcionar melhores práticas pedagógicas que possam ir ao encontro dos gostos e características dos alunos. Temmerman (2000) afirma que é necessário identificar as preferências dos alunos pelas atividades musicais desenvolvidas nas aulas de música, em prol de encorajar o seu envolvimento ativo no processo de aprendizagem musical.

As perspetivas e perceções da disciplina de Educação Musical por parte daqueles que mais importam neste processo, isto é, os alunos, deviam ser um dos focos principais, “tendo em vista uma escola mais apelativa e motivadora” (Gonçalves, Cristóvão, & Esteireiro, 2020, p. 43). Entender a forma como os alunos gostam de aprender música pode levar a questões sobre a reconstrução do ensino e aprendizagem da disciplina de Educação Musical no século XXI. Neste sentido, a presente investigação pretende apresentar a realidade atual, a fim de abordar as seguintes questões: Qual a opinião dos alunos sobre as aulas de Educação Musical? Quais são as atividades musicais que os alunos mais e menos gostam? Quais são as atividades musicais mais e menos dinamizadas pelos professores? Trata-se de um tema que ainda não foi muito explorado em Portugal, pelo que se pretende contribuir para a sua investigação. A revisão de literatura aborda alguns autores que já contribuíram com estudos sobre o tema proposto, como Kokotsaki (2016) em Inglaterra, Després e Dubé (2020) no Chipre, Stavrou et al. (2020) em nove países europeus, Stavrou e Papageorgi (2020) também no Chipre e Vicente-Nicolás e Mac Ruairc (2014) em Espanha.

Por este motivo, vale a pena refletir sobre até que ponto as expectativas e os interesses dos alunos no processo de ensino e aprendizagem da disciplina de Educação Musical são considerados. “O que está errado na música escolar?”<sup>3</sup> foi a questão colocada por Ross em 1995. Passados quase trinta anos, continua a ser discutida, pois vários professores de música procuram tornar as suas aulas mais apelativas e relevantes para os alunos (Stavrou & Papageorgi, 2020).

Tornar a Educação Musical numa disciplina mais apelativa para os alunos parece ser uma preocupação por parte dos professores e investigadores de música. O estudo desenvolvido por Kokotsaki (2016), procurou compreender a opinião dos alunos de seis escolas do nordeste de Inglaterra sobre a disciplina de música. O estudo revelou que alguns alunos se sentiram desmotivados com o ensino e aprendizagem desta área do saber, pois a prática realizada nas aulas ficou aquém das suas expectativas (Kokotsaki, 2016)

A parte prática deste projeto de investigação tem como intenção compreender a visão dos alunos sobre a disciplina de Educação Musical, nomeadamente sobre as atividades dinamizadas e as práticas pedagógicas dos professores das escolas que constituem o nosso estudo. Para tal, a metodologia para recolha de dados passou pela aplicação de questionários aos alunos do 2.º Ciclo do Ensino Básico, pela realização de entrevistas aos professores dos alunos inquiridos e pela observação naturalista de uma aula dos professores que participaram no estudo.

Este capítulo encontra-se organizado em três partes fundamentais, designadamente a revisão de literatura sobre o tema em causa, a metodologia de investigação escolhida, onde é descrito todo o procedimento para a concretização deste estudo e, por fim, a apresentação de uma análise e reflexão crítica sobre os resultados obtidos, articulando os mesmos com a literatura revista.

---

<sup>3</sup> Tradução de *What is wrong with school music?* (Ross, 1995)

## 3.2. REVISÃO DE LITERATURA

### 3.2.1. A voz dos alunos

São vários os desafios que o sistema educativo enfrenta no século XXI, tanto para os alunos e professores, como também para toda a comunidade educativa. Questionar e refletir, de forma constante, sobre as práticas pedagógicas idealizadas e implementadas são aspetos importantes (Cunha, 2020) para os professores pensarem em "o que fazer" e em "como fazer".

Tendo em conta que "ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção" (Freire, 1996, p. 21), os professores de Educação Musical devem repensar em abordagens e processos de ensino e aprendizagem, de modo a corresponder, de certo modo, aos gostos, interesses e necessidades dos alunos, entrando "na sala de aula aberto[s] a indagações, à curiosidade e às perguntas" (Cunha, 2020, p. 20), para que estes desenvolvam competências ao nível pessoal, musical e social. Como tal, o profissional docente tem uma missão muito ampla que envolve uma panóplia de ações, reflexões e desafios tanto dentro como fora da sala de aula, não limitando o seu trabalho ao ato de ensinar. Para isso, a revisão de literatura apresentada indica-nos que ouvir a *voz dos alunos* parece ser uma boa forma de perceber como são as aulas da disciplina de Educação Musical atualmente e como poderiam ser, de acordo com as suas preferências e perspetivas.

*Há que dar voz aos alunos e estamos convencidos que a transformação da escola num lugar para onde os alunos pretendem ir a correr todas as dias (...). Acreditamos que não só contribuiria para aumentar a felicidade e a motivação dos alunos no espaço escolar, mas também para melhorar o processo de ensino-aprendizagem (Gonçalves, Cristóvão, & Esteireiro, 2020, p. 54).*

Os autores Després e Dubé (2020) referem que nos últimos trinta anos tem havido uma reemergência no interesse da *voz dos alunos* por parte dos professores, investigadores, políticos e, também dos próprios estudantes. Contudo, sabe-se que embora seja uma preocupação, as escolas ainda não promovem o envolvimento dos alunos nas decisões sobre a sua educação (Rudd et al., 2006). Torna-se necessário que haja uma mudança de paradigma, onde o processo de tomada de decisões deixa de ser unilateral e passa a ser um processo inclusivo. É neste sentido, que a *voz dos alunos* é crucial para reestruturar o sistema educativo, no sentido em que traz

benefícios tanto para estes, como também para toda a comunidade educativa (Kokotsaki, 2016). Os autores Després e Dubé (2020) socorrem-se a Rudduck (2007) para afirmar que este processo de mudança permite que os professores tenham oportunidade de perceber o ponto de vista dos alunos, promovendo a relação entre estes, no sentido em que o aluno tem um papel ativo e colaborativo. “Em termos de educação, uma das suas principais prioridades é “colocar o aluno no centro”, como “um parceiro na aprendizagem, não um recetor passivo”<sup>4</sup> (Rudd et al., 2006, p. 1).

*Cycle of Meaningful Student Involvement* é um processo que promove a participação dos estudantes, de forma ativa. Este ciclo pode ser utilizado para avaliar as atividades desenvolvidas e, até mesmo, para planear futuras. Para isso, torna-se necessário ouvir a opinião dos alunos (*listen*), reconhecer a sua importância enquanto membros responsáveis pelas decisões tomadas (*validate*), permitir que desenvolvam a partilha de conhecimentos sobre o planeamento de ações e participação nas atividades (*authorize*), trabalhar em conjunto de forma a implementar as ideias propostas (*mobilize*) e refletir sobre os processos implementados, retomando este ciclo, se necessário (*Reflect*) (Fletcher, 2005).

As perceções e perspetivas partilhadas pelos autores sobre uma “Educação Musical baseada nos gostos, interesses e desejos dos alunos, dando-lhes voz ativa na reflexão da Educação Musical que pretendem” pode ser um fator fulcral para em conjunto “repensar (e reconstruir) abordagens e processos de ensino/ aprendizagem em Educação Musical no século XXI” (Cunha, 2020, p.16). Sendo *a voz dos alunos* um fator importante para melhorar as práticas dos professores, Després e Dubé (2020) referem que algumas ideias já podem ser implementadas, de forma a envolver os alunos neste processo. Toma-se como exemplo perguntar aos alunos o que gostam de aprender ao nível de instrumentos e repertório, de forma a incluí-los no processo de decisão e em todas as transformações relativas ao processo de ensino e aprendizagem.

---

<sup>4</sup>Tradução de “In terms of education, one of its main priorities is “putting the learner at the centre”, as “a partner in learning, not a passive recipient” (Rudd et al., 2006, p. 1).

### 3.2.2. Perspetiva dos alunos sobre a disciplina de Educação Musical

Um dos principais objetivos dos professores de Educação Musical foca-se em proporcionar boas práticas, desenvolvendo o gosto pela música nos alunos e diversas competências nos mais variados níveis (pessoal, musical e social). Os professores de Educação Musical têm um papel determinante no gosto dos alunos pela disciplina em questão e pelo gosto da própria música. Neste sentido, as opiniões e sugestões dos alunos sobre as aulas da disciplina podem ajudar os professores a refletir sobre as suas práticas pedagógicas e, possivelmente, torná-las melhor. Embora pareça uma abordagem lógica, coloca-se em questão se acontece na realidade, visto que além de ser necessário ouvir *a voz do aluno*, é imprescindível levar as considerações sugeridas a um processo de mudança. Como tal, uma abordagem pedagógica com base nas preferências e opiniões dos alunos, parece promover o envolvimento e a motivação dos mesmos, além do desenvolvimento de várias competências (Després & Dubé, 2020).

Em Portugal, no artigo desenvolvido por Cunha (2020), pertencente ao estudo de âmbito europeu desenvolvido pela EAS<sup>5</sup> foi possível compreender que a opinião dos alunos sobre a preparação e o desenvolvimento de práticas pedagógicas no contexto da disciplina de Educação Musical deveria focar-se mais na música quotidiana, em atividades de processos criativos e de experimentação musical e na aprendizagem de outros instrumentos musicais. Després e Dubé (2020) afirmam também que os alunos manifestam interesse em atividades musicais práticas que envolvam sobretudo processos criativos e colaborativos. Os mesmos autores acrescentam ainda que os alunos manifestam interesse por atividades que lhes permitam experimentar: “Eles gostam de “aprender fazendo”, ou mais concretamente, “aprender tocando”, e não “trabalhando””<sup>6</sup> (p. 11). Estes gostam de ter um papel ativo durante as aulas de música. Em contrapartida, verificou-se que os alunos não gostam de aulas formais, centradas na prática de um só instrumento e avaliadas por um teste.

Os alunos expressarem o seu interesse por atividades musicais práticas (Kokotsaki, 2016). Tal como Kokotsaki (2016, p.16) afirma “(...) alunos estavam entusiasmados por estarem envolvidos em trabalho prático na sala de aula onde interpretar, compor, cantar, tocar uma variedade de

---

<sup>5</sup> EAS – European Association for Music in Schools

<sup>6</sup> Tradução de “They like to “learn by doing,” or more accurately, “learn by playing,” and not by “working.”” (Després e Dubé, 2020, p. 11)

instrumentos, fazer música em grupos e familiarizar-se com diferentes tipos de música foram entendidos como elementos essenciais.”<sup>7</sup>

Os alunos entre os 12 e os 14 anos de idade, que participaram no estudo desenvolvido por Stavrou e Papageorgi (2020), estão satisfeitos com a disciplina de música, classificando-a como a segunda disciplina favorita de 15. Uma grande maioria dos alunos considera que as aulas são interessantes, divertidas, relaxantes e criativas. Por outro lado, as razões que levaram alguns alunos a classificar a disciplina de música como a menos favorita é porque consideram que as aulas são aborrecidas e acreditam que as competências musicais não irão ser úteis no seu futuro. Embora a prática de flauta de bisel seja a atividade mais frequentemente dinamizadas pelos professores, é a que os alunos consideraram menos importante e útil no futuro (Stavrou & Papageorgi, 2020).

Por este motivo, podem existir lacunas entre aquilo que é ensinado e aquilo que os alunos gostariam realmente de aprender. Torna-se pertinente refletir sobre algumas questões: quais são as necessidades dos alunos? quais são as suas atividades musicais preferidas? e qual é a sua opinião sobre a disciplina de Educação Musical?

### ***As atividades musicais preferidas***

Keith Swanwick (1979) propôs um modelo onde agrupa as atividades que os professores de Educação Musical podem realizar nas suas aulas. O autor estabelece um modelo que abrange cinco parâmetros da experiência musical, apresentados através da sigla *C(L)A(S)P*. Diretamente relacionados com a prática musical encontram-se três atividades: Composição (*C - Composition*), Audição (*A - Audition*) e Performance (*P*) (execução e interpretação). Estudos Literários (*L - Literature studies*) e Aquisição de competências (*S - Skill acquisition*) correspondem às duas atividades que assumem papéis fundamentais para a compreensão da música. O autor afirma que estes cinco parâmetros devem-se relacionar entre si de forma equilibrada, oferecendo várias possibilidades de atividades a realizar. Este modelo propõe atividades centrais e periféricas, embora fundamentais para o desenvolvimento e envolvimento musical dos alunos.

---

<sup>7</sup> Tradução de "(...) pupils were eager to be actively involved in practical work in the classroom where performing, composing, singing, playing a variety of instruments, making music in groups and getting familiarised with different types of music were perceived as essential elements." (Kokotsaki, 2016, p.16).

Os autores Boal-Palheiros e Boia (2020) investigaram as atividades musicais que os professores de Educação Musical portugueses realizam habitualmente nas suas práticas letivas. Os participantes revelaram que se centram essencialmente em atividades práticas, utilizando instrumentos musicais de forma frequente. A *interpretação* (59,3%) foi a atividade mais frequente, que inclui tocar flauta de bisel, instrumentos *Orff* e cantar canções. Em segundo e terceiro lugar, encontram-se as atividades de *audição* (18,7%) e de *composição e improvisação* (14,1%) respetivamente. As atividades relacionadas com teoria e notação foram as menos indicadas pelos professores.

Vale a pena refletir até que ponto as atividades dinamizadas pelos professores da disciplina correspondem aquilo que os alunos gostariam de aprender. O estudo desenvolvido por Stavrou e Papageorgi (2020) mostrou uma discrepância entre as atividades que os professores dinamizam e aquelas que os alunos gostariam. Tocar flauta de bisel, aprender notação musical e interpretar temas com instrumentos de sala de aula são as três atividades mais dinamizadas pelos professores. Por outro lado, aprender sobre história da música, composição musical e interpretação de temas modernos são as atividades menos frequentes. No entanto, os alunos mostraram interesse em atividades que promovam o desenvolvimento de competências vocais, pediram para aprender a tocar mais instrumentos (bateria, guitarra e piano), para além da flauta de bisel e gostavam que o repertório fosse ao encontro dos seus gostos.

Os alunos de nove países europeus, nomeadamente Portugal, Áustria, Chipre, Estónia, Lituânia, Luxemburgo, Eslováquia, Suíça e Turquia apresentam a sua opinião sobre as aulas de música (Stavrou et al., 2020). O estudo mostrou que a atividade preferida dos alunos dos nove países foi tocar instrumentos musicais, nomeadamente por aprender a tocar vários instrumentos, como piano, guitarra, bateria, violino ou cavaquinho. Neste estudo, realizado por Stavrou et al. (2020), a frase de um aluno foi “Eu gostaria de tocar outros instrumentos [...]. Para mim, a flauta é bastante repetitiva e aborrecida”<sup>8</sup> (p. 141).

Os mesmos autores afirmam que as aulas de música, segundo um aluno, deviam seguir a seguinte sequência “No início da aula cantamos, depois dividimo-nos em grupos e compomos músicas. No

---

<sup>8</sup> Tradução de “I would like to play other instruments [...]. For me the recorder is quite repetitive and boring.” (Stavrou et al., 2020, p. 141).

fim da aula, tocamos uns para os outros o que compusemos. Se sobrar tempo, conversamos sobre a música que gostamos”<sup>9</sup> (p. 142).

Com base nos estudos desenvolvidos sobre as preferências dos alunos em relação às atividades musicais realizadas nas aulas de Educação Musical é possível afirmar que os estudantes preferem atividades que envolvam tocar instrumentos musicais (Stavrou et al., 2020). Vicente-Nicolás e Mac Ruairc (2014) investigaram sobre as atividades musicais preferidas dos alunos, entre os 6 e os 12 anos de idade, de escolas públicas e privadas de Espanha e mostraram que tocar instrumentos é a atividade que os alunos mais gostam, seguida de cantar e de movimento/dança.

No estudo desenvolvido por Kokotsaki (2016), cantar é uma prática que desempenha um papel importante na vida dos alunos, dado que uma grande maioria revelou interesse em cantar tanto na escola como fora dela. No entanto, um número reduzido de alunos (três meninos) referiu que não gostava de cantar dentro da sala de aula, visto não ser uma atividade “masculina”, sentindo vergonha de cantar perante os colegas.

### ***Repertório musical***

No âmbito do estudo desenvolvido por Boal-Palheiros e por Boia (2020), a música tradicional, incluindo a música portuguesa, a música erudita e a música Pop/ Rock são as mais utilizadas pelos professores nas aulas. Os autores verificaram que as respostas mais comuns neste campo se caracterizaram por terem sido vagas (ex. “um pouco de tudo, de Bach a Cage” (p. 128)). Alguns professores revelaram uma preocupação em corresponder às preferências musicais dos alunos. Considera-se essencial haver um equilíbrio entre um repertório que “se encontram culturalmente mais próximos dos alunos (...) potenciando uma educação musical mais inclusiva, ativa e completa” (Reis & Duarte, 2018, p.5) e um repertório escolhido pelo professor, com o objetivo de dar a conhecer uma variedade de obras musicais.

---

<sup>9</sup> Tradução de “At the beginning of the lesson we sing, then divide into groups and compose music. At the end of the lesson, we play for each other what we have composed. If any time is left, we talk about the music we like.” (Stavrou et al., 2020, p. 141).

### ***O professor de Educação Musical "ideal"***

De acordo com Kokotsaki, (2016, p. 14) "Alunos apreciaram os seus 'professores ótimos e adequados' que tornam a aula 'divertida', são 'relaxados', oferecem orientação clara e suporte adequado"<sup>10</sup>

Stavrou em 2022 verificou que a personalidade dos professores de música e a relação construída com os seus alunos é muito valorizada por estes<sup>11</sup>, na medida em que para um grande número de alunos o professor de música "ideal" é aquele que é educado, gentil, paciente, justo, criativo, simpático e tem humor. De acordo com Kokotsaki (2016) são características de bons professores de música, aqueles que além de terem várias competências musicais e de conhecimento na área da pedagogia e didática, colocam os alunos no centro do processo de ensino e aprendizagem, dando-lhes voz, isto é, ouvem e consideram os seus pontos de vista.

Sabe-se que os conhecimentos, competências musicais e práticas e abordagens de ensino dos professores são características que os alunos relegaram para segundo plano naquilo que consideram ser um professor "ideal". (Stavrou, 2022). Neste estudo, as opiniões dos alunos sobre o professor de música que não gostariam também foi abordado, pelo que a resposta mais comum foi "os professores de música não devem ser rígidos" (Stavrou, 2022, p. 4).

A autora organizou a opinião dos alunos, entre os 13 e os 15 anos de idade, de 14 escolas do Chipre sobre as qualidades de um professor de música "ideal" em cinco categorias, sendo elas características de personalidade, competências musicais, relação entre professor-aluno, conhecimento pedagógico/ abordagens de ensino e outras características. *A tabela 4* mostra os números totais de resposta em cada categoria (N = número de respostas).

A autora constatou que se agrupar as características relativas à personalidade e à relação entre professor e aluno, os resultados relativos a um bom professor de música considerado sugerem que mais de 75% é determinado pela sua personalidade e pela construção de uma boa relação entre professor-aluno. Os restantes 25% são relativos às competências musicais, conhecimentos pedagógicos e abordagens de ensino.

---

<sup>10</sup> Traduzido de "Pupils appreciated their 'great, proper teachers' that make the lesson 'fun', are 'relaxed', offer clear guidance and appropriate support" (Kokotsaki, 2016, p. 14)

<sup>11</sup> Alunos com idades compreendidas entre os 13 e os 15 anos.

Tabela 4 - Opinião dos alunos sobre as características de um professor de música ideal (Stavrou, 2022)

| Características de um professor de música ideal<br>(N=2806) |  |  |  |                             |
|---|--|--|--|-----------------------------|
| Personalidade<br>(44,8%)                                    | Competências musicais<br>(6,4%)              | Relação entre professor-aluno<br>(25,5%) | Conhecimento pedagógico (15,4%)        | Outras (7,7%)               |
| Paciente  | Conhecimentos musicais                       | Não rígido                               | Gosta do ensino de música              | Bem-apresentado e arranjado |
| Relaxado  | Competências em tocar instrumentos e músicas | Não grita                                | Organiza aulas de música interessantes | Inteligente                 |
| Divertido   | Voz bonita                                   | Não se irrita facilmente                 | Ensina músicas que os alunos gostam    | Jovem                       |
| Feliz   |  | Comunicativo                             | Explica bem                            |                             |
| Amigável  |  | Debate com os alunos                     | Não complica na avaliação              |                             |
| Humoroso  |  | Justo                                    |  |                             |
| Simpático   |  | Colaborativo                             |  |                             |
| Educado   |  | Prestável                                |  |                             |
|   |  | Confiável                                |  |                             |

### 3.3. METODOLOGIA

Para a realização da investigação do tema proposto “As atividades nas aulas de Educação Musical: perspetivas dos alunos e práticas dos professores” assumiu-se uma metodologia de cariz quantitativo e qualitativo. A metodologia qualitativa é centrada na compreensão dos problemas, de modo a permitir perceber os processos subjacentes à questão em estudo. Este tipo de investigação caracteriza-se por ser flexível, descritiva e apresenta procedimentos interpretativos, pelo que permite o cruzamento de vários dados. Já a de cariz quantitativo refere-se às medidas quantificáveis de variáveis que foram analisadas (Sousa & Baptista, 2011).

#### *Participantes*

Foram contactados 17 professores de Educação Musical para colaborarem no presente estudo e 7 aceitaram participar no mesmo. Destes, 4 professores são ou já foram professores cooperantes, ligados à formação de professores de Educação Musical. Todos os participantes lecionam em estabelecimentos de ensino público, localizados em Matosinhos, em Gondomar e no Porto.

Neste sentido, foram entrevistados 7 professores de Educação Musical, inseridos em 6 estabelecimentos de ensino diferentes, visto que 2 professoras estavam inseridas no mesmo contexto (escola). As questões éticas foram garantidas através da explicação dos objetivos do estudo, na utilização dos dados recolhidos e na forma de identificação dos entrevistados e das escolas onde lecionam, pelo que foram atribuídas as letras [A, B, C, D, E, F e G] como forma de garantir o seu anonimato.

Por questionário, foram inquiridos 133 alunos, entre os 10 e os 12 anos de idade, que frequentam as aulas da disciplina de Educação Musical no 5.º e no 6.º ano de escolaridade. São os alunos das 7 turmas dos 7 professores. A amostra dos alunos é constituída por um número aproximado de raparigas (47,7%) e de rapazes (52,3%). As turmas têm entre 12 e 25 alunos.

A tabela 5 apresenta a caracterização da amostra dos alunos por turma, sexo e ano escolar:

Tabela 5 – Caracterização da amostra dos alunos por turma, sexo e ano escolar

| Turma | Ano escolar   | n= n.º de alunos | Sexo feminino |       | Sexo masculino |       |
|-------|---|------------------|---------------|-------|----------------|-------|
|       |   |                  | n             | %     | n              | %     |
| A     | 6.º ano   | 26               | 13            | 50%   | 13             | 50%   |
| B     | 6.º ano   | 25               | 12            | 48%   | 13             | 52%   |
| C     | 6.º ano   | 20               | 13            | 65%   | 7              | 35%   |
| D     | 5.º ano   | 14               | 7             | 50%   | 7              | 50%   |
| E     | 5.º ano   | 12               | 3             | 25%   | 9              | 75%   |
| F     | 5.º ano   | 20               | 10            | 50%   | 10             | 50%   |
| G     | 5.º ano   | 16               | 7             | 43,8% | 9              | 56,3  |
| Total | 4 turmas de 5.º ano<br>(n=62)<br>3 turmas de 6.º ano (n=71) | 133              | 65            | 48,9% | 68             | 51,1% |

### ***Instrumentos de recolha de dados***

A entrevista assume um papel eficaz na obtenção de importantes informações e elementos para a reflexão e análise dos conteúdos que foram abordados. É considerada um método de recolha de dados, que proporciona processos de comunicação e estabelece interação humana para a investigação (Quivy & Campenhoudt, 2005). Com o objetivo de perceber que atividades são realizadas nas práticas pedagógicas de cada professor, quais é que dinamizam com mais frequência, como as dinamizam, que estratégias adotam e como percecionam as preferências dessas atividades e da disciplina por parte dos alunos, recorreu-se à entrevista semiestruturada, utilizando-se um guião. As entrevistas foram gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas. De seguida, realizou-se uma análise de conteúdo. Para tal, foi construído um quadro de categoria de respostas como forma de organização dos dados.

Em cada um dos contextos foi observada uma aula. O primeiro momento de cada aula observada foi dedicado à aplicação dos questionários aos alunos da turma. Tendo concluído este passo, assumiu-se uma postura de não participante, tratando-se de uma observação naturalista, para a qual foram estipulados os seguintes aspetos:

1. Atividades musicais dinamizadas pelos professores;
2. Estratégias de Ensino;
3. Relação professor-aluno.

O tipo de observação escolhido pretende que se compreenda a realidade da sala de aula de cada contexto. Por este motivo, foram descritas as atividades realizadas pelos professores, a forma como foram trabalhadas e as interações entre o professor e os alunos. Os registos das observações realizadas estão organizados por atividades, pois sempre que esta mudava era anotada a hora (Reis, 2011).

De forma a compreendermos a opinião dos alunos sobre a disciplina de Educação Musical e sobre as atividades dinamizadas, foram administrados questionários em papel aos alunos de cada turma. O questionário foi composto por 19 perguntas, incluindo 9 abertas e 10 fechadas, algumas delas de tipo *Likert*. Uma das vantagens do inquérito por questionário prende-se com a forma acessível e rápida de obter a informação (Bell, 1993). Neste caso, é um instrumento de recolha de dados que foi utilizado para chegar diretamente aos alunos, conhecendo a sua opinião sobre o tema proposto.

Através da articulação dos três métodos de recolha de dados (observação, questionário e entrevista) em cada um dos contextos [A, B, C, D, E, F e G] estabeleceu-se uma triangulação de dados, isto é, uma relação entre o ponto de vista dos professores, o dos alunos e o da investigadora sobre as atividades realizadas na disciplina de Educação Musical. Desta forma, pretende-se dar a conhecer a perspetiva dos alunos dos contextos em estudo sobre a disciplina de Educação Musical.

### 3.4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

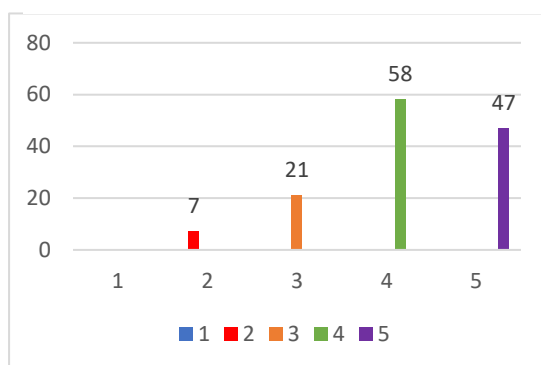
Nesta secção, serão apresentados os resultados obtidos dos sete contextos. Como forma de organização, serão apresentados gráficos e tabelas para cada questão do questionário.

#### *Análise dos Questionários – ponto de vista dos alunos*

*Questão 1 – Diz quanto gostas da disciplina de Educação Musical numa escala de 1 a 5 (em que 1 é "não gosto nada" e 5 é "gosto muitíssimo")*

Dos 133 alunos, 58 (43,6%) respondeu que gostava da disciplina, tendo atribuído 4 numa escala de 1 a 5. De seguida, verificou-se que 35,3% dos alunos (47 respostas) da turma gosta muitíssimo das aulas de Educação Musical. Por outro lado, 15,8% (21 respostas) dos alunos gostam de forma mediana da disciplina e 5,3% (7 respostas) gosta pouco. Dos 7 alunos que atribuíram 2, seis inserem-se nos contextos B e C e um aluno no contexto E. Não se verificam diferenças, ao nível do gosto pela disciplina, entre os alunos do sexo masculino e feminino.

*Gráfico 1 – Grau de gosto pela disciplina de Educação Musical*



Para uma análise mais detalhada foi realizada a média do gosto dos alunos (ver tabela 6) de cada um dos contextos de ensino, de forma a perceber possíveis causas para o efeito.

Tabela 6 – Médias do gosto pela disciplina dos alunos de cada contexto de ensino

|       | Contextos |     |     |     |     |     |     |
|-------|-----------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|
|       | A         | B   | C   | D   | E   | F   | G   |
| Média | 4,1       | 3,7 | 3,6 | 4,2 | 4,3 | 4,6 | 4,7 |

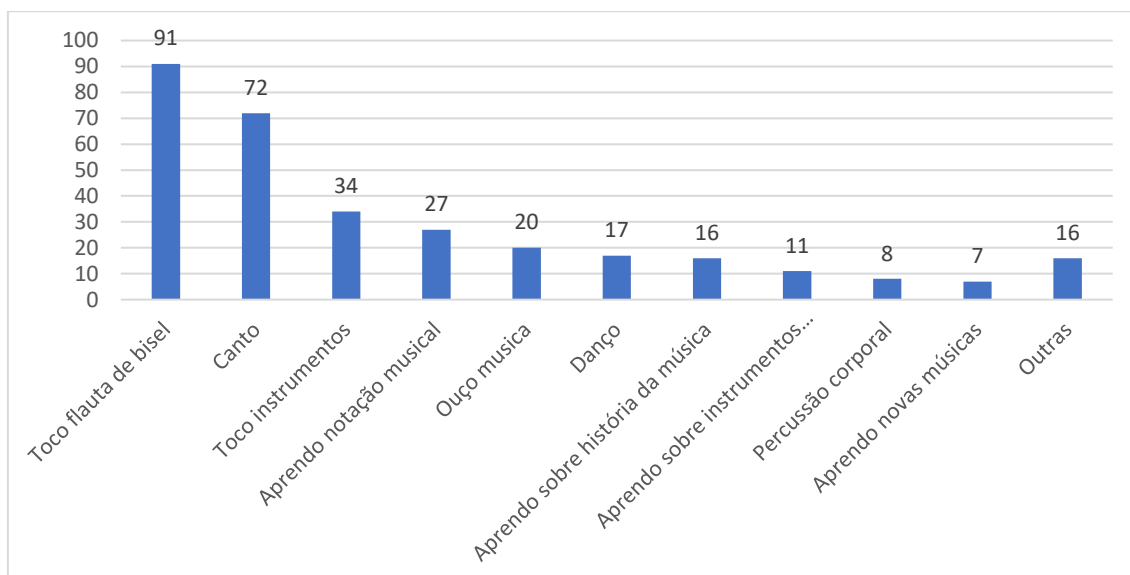
O contexto G apresenta os melhores resultados, pois todos os alunos estão satisfeitos com a disciplina, 68,8%, gosta muitíssimo, tendo atribuído 5 e 31,2% gosta muito, concedido 4 na escala apresentada, com uma média de 4,7. Por outro lado, o contexto C apresenta uma média inferior relativamente ao gosto pela disciplina nas aulas dos restantes professores.

*Questão 2 – O que fazes nas aulas da disciplina de Educação Musical? Responde o que te lembras*

De acordo com os alunos, as atividades mais dinamizadas pelos professores focam-se em atividades de interpretação, aprendizagem de notação musical e audição, respetivamente. Tocar flauta de bisel, cantar e tocar instrumentos são as práticas mais referidas pelos alunos.

O gráfico 2 apresenta as restantes atividades que os professores dinamizam nas aulas de Educação Musical, segundo os alunos.

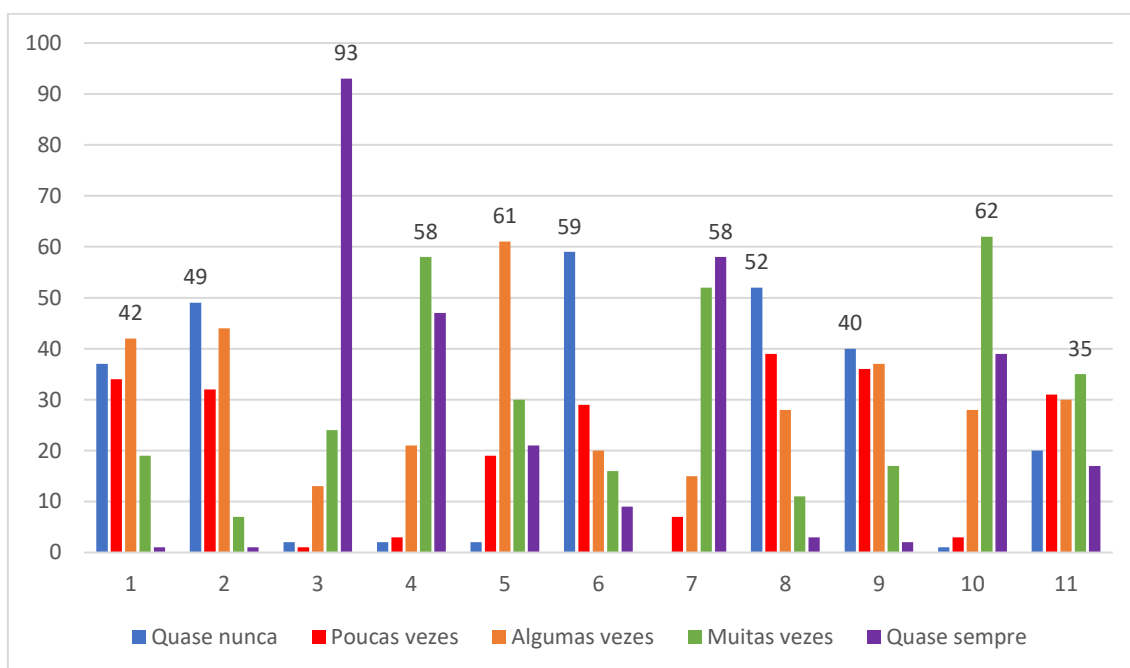
Gráfico 2 – Atividades nas aulas de Educação Musical



### Questão 3 – Com que frequência fazes estas atividades nas aulas de Educação Musical?

Os alunos receberam uma lista de 11 atividades musicais e foram solicitados a responder com que frequência fazem essas mesmas atividades nas aulas. Foi possível verificar as 4 atividades menos frequentes, sendo elas criar música, dançar, improvisar música e tocar instrumentos de altura definida e indefinida. No entanto, esta última atividade é “quase nunca” dinamizada pelos professores do contexto A, B e C, optando pela flauta de bisel em praticamente todas as aulas. As atividades de criação como compor e improvisar música são as menos utilizadas pelos professores, com a exceção dos contextos C e B, pois de acordo com os alunos são atividades algumas vezes dinamizadas nas aulas destes professores. A prática de flauta de bisel é a atividade mais dinamizada pelos professores do nosso estudo.

Gráfico 3 – Frequência das atividades realizadas nas aulas de Educação Musical



Legenda: 1 (Tocar xilofones, metalofones e jogo de sinos); 2 (Tocar percussão (triângulo, clavas, tamborim...)); 3 (Tocar flauta de bisel); 4 (Cantar); 5 (Fazer percussão corporal (com o corpo)); 6 (Dançar); 7 (Ouvir música); 8 (Criar música (música feita por)); 9 (Improvisar música); 10 (Aprender notação (notas e figuras na pauta)) e 11 (Aprender sobre história da música)

*Questão 4– Realizas outras atividades para além destas? se sim, quais?*

A maioria dos alunos (82,7%) referiu que não realiza nas aulas da disciplina outras atividades para além das mencionadas. Dos 133 alunos, 23 (17,3%) acrescenta que realiza e apresenta trabalhos de pesquisa, fazem aquecimento corporal e vocal (contexto E), visualizam vídeos sobre a matéria, escrevem o sumário e fazem concertos para a comunidade escolar e seus familiares.

*Questão 5– De que é que gostas mais nas aulas de Educação Musical? Porquê?*

Os alunos revelaram gostar mais de tocar flauta de bisel (N=55), cantar (N=54, F=34 e M = 20), tocar instrumentos musicais (N=18) e ouvir música (N=20) por serem atividades que estes consideram divertidas. São várias as razões que levam os alunos a preferir determinadas atividades nas aulas.

*Tabela 7 – Atividades que os alunos mais gostam*

| <i>n</i>               | ATIVIDADES         | PORQUÊ?  |
|------------------------|--------------------|--|
| 55<br>M – 28<br>F – 27 | Tocar flauta       | “Gosto do som”, “Porque me faz feliz” “Interessante para seguir esta área”, “Tenho jeito” e “Gosto de instrumentos de sopro”   |
| 54<br>M – 20<br>F – 34 | Cantar             | “Porque o meu sonho é ser cantora”, “Porque em casa estou sempre a cantar”, “Porque sei cantar”, “Cantamos todos juntos com muita energia”, “Gosto muito de música e isso faz-me sentir famosa”, “É uma inspiração e relaxante quando estou com raiva”, “Sinto-me livre” e “Tenho voz para isso” |
| 18<br>M – 9<br>F – 9   | Tocar instrumentos | “Porque é divertido”; “Porque gosto”; “Porque não gosto de escrever” e “É uma experiência que acontece poucas vezes”   |
| 20<br>M – 9<br>F – 11  | Ouvir música       | “É dos meus passatempos preferidos”, “é uma das coisas que faço no dia a dia”, “gosto de ouvir música”, “porque me deixa muito feliz” e “Faz-me relaxar”   |

*Questão 6– De que é que gostas menos nas aulas de Educação Musical? Porquê?*

Tocar flauta de bisel (N=25) é a atividade que os alunos menos gostam nas aulas, pois segundo estes é difícil. Aprender notação musical e dar “matéria” (N=22) e cantar (N=11) são também atividades que os alunos não gostam. Por outro lado, houve alunos que mencionaram gostar de

tudo (N=25), pois para alguns destes alunos a música é uma inspiração, fazendo com que se sintam felizes.

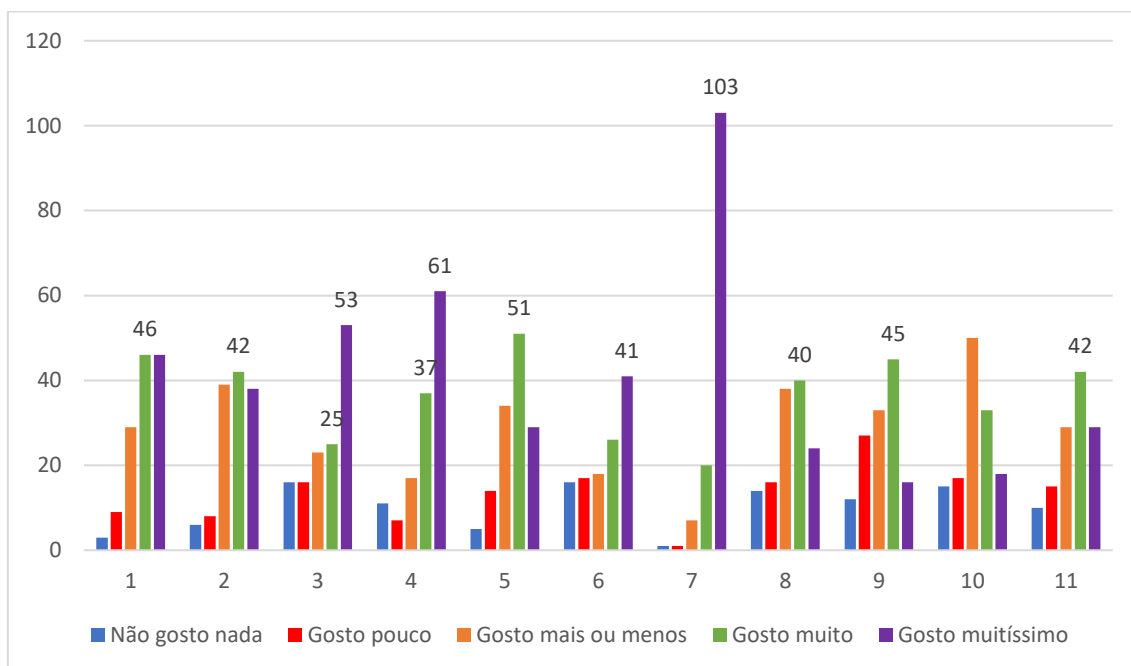
Tabela 8 – Atividades que os alunos menos gostam

| <i>n</i>               | ATIVIDADES               | PORQUÊ?  |
|------------------------|--------------------------|--|
| 25<br>M – 16<br>F – 9  | Tocar flauta             | “Porque não sou bom”, “é difícil”, “não gosto do som”, “é complicado decorar as notas” e “pareço que estou a ficar sem ar”   |
| 22<br>M – 10<br>F – 12 | Aprender notação musical | “pouco dinâmico”, “aborrecido”, “é difícil escrever na pauta”, “desnecessário”, “Os símbolos são estranhos e eu esqueço-me” e “é confuso”  |
| 11<br>M – 7<br>F – 4   | Cantar                   | “não canto bem”, “Não gosto de coisas pouco movimentadas”, “Não me sinto seguro a cantar em frente aos colegas”, “as notas agudas são difíceis” e “tenho vergonha de cantar à frente da turma” |
| 8<br>M – 7<br>F – 1    | Dançar                   | “É estranho”, “é aborrecido” e “Não gosto”   |
| 5<br>F – 4<br>M – 1    | Realizar testes          | “não sou bom a música”, “Porque acho que não aprendemos muita coisa, só a escrever”, “Fico muito nervosa e dá para fazer as avaliações sem fazer testes.” e “Fica um ambiente muito pesado”    |
| 25<br>M – 17<br>F – 8  | Gosto de tudo            | “Gosto de música”, “o professor é divertido”, “As aulas são muito boas”, “É quase a minha disciplina favorita”, “porque me faz feliz” e “a música é uma inspiração”                            |

*Questão 7 – Indica quanto gostas de cada atividade numa escala de 1 a 5 em que 1 (em que 1 é “não gosto nada” e 5 é “gosto muitíssimo”)*

Através do gráfico apresentado percebemos de modo geral, que os alunos gostam das atividades, dado que os valores que sobressaem correspondem aos níveis “gosto muito” e “gosto muitíssimo”. Revelaram muito gosto em ouvir música (N=123), em cantar (N=98) e em tocar flauta de bisel (N=53). Foi possível compreender que apesar dos alunos gostarem de todas atividades, há também quem não goste tanto de algumas. As menos preferidas dos alunos são improvisar (N=39), dançar (N=33), tocar flauta e bisel (N=32) e aprender notação musical (N=32), apresentando níveis mais altos de “não gosto nada” e de “gosto pouco”.

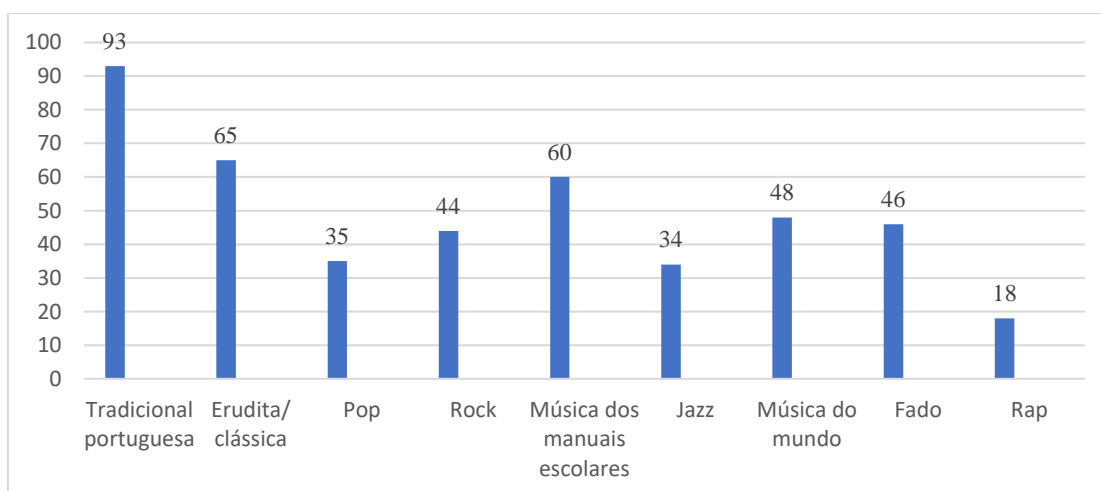
Gráfico 4 – Grau de gosto dos alunos por cada atividade



Legenda - 1 (Tocar xilofones, metalofones e jogo de sinos); 2 (Tocar percussão (triângulo, clavas, tamborim...)); 3 (Tocar flauta de bisel); 4 (Cantar); 5 (Fazer percussão corporal (com o corpo)); 6 (Dançar); 7 (Ouvir música); 8 (Criar música (música feita por)); 9 (Improvisar música); 10 (Aprender notação (notas e figuras na pauta)); 11 (Aprender sobre história da música)

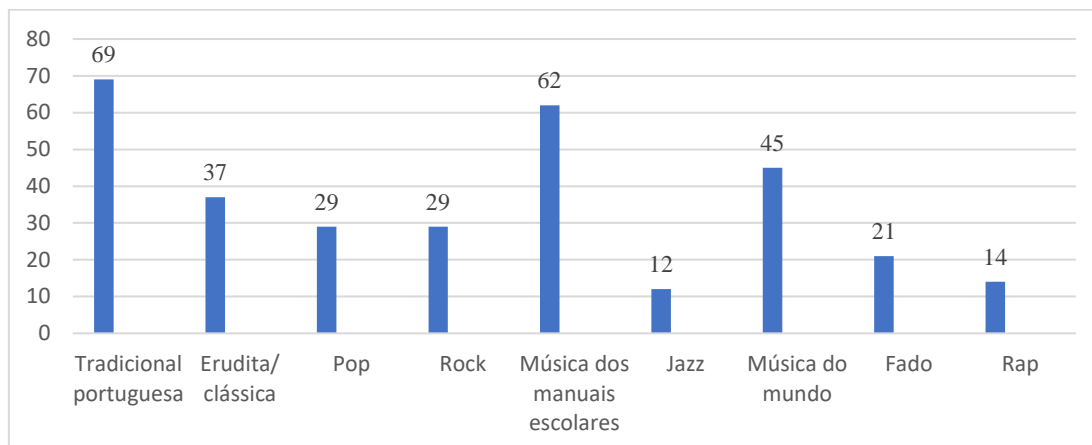
Questão 8 – Que tipo de música OUVES nas aulas de Educação Musical? (podes escolher mais do que uma opção.)

Gráfico 5 – Tipo de música que os alunos ouvem nas aulas de Educação Musical



**Questão 9 – Que tipo de música CANTAS e TOCAS nas aulas de Educação Musical? (podes escolher mais do que uma opção.)**

Gráfico 6 – Tipo de música que os alunos cantam e tocam nas aulas de Educação Musical



**Questão 10 – Mudavas alguma coisa nas aulas de Educação Musical? Se sim, o quê?**

Embora a perceção dos alunos sobre a disciplina tenha sido muito positiva, ainda há coisas que os alunos gostariam de mudar. A maioria dos alunos, 60,2% (80 respostas) não mudaria nada nas aulas de Educação Musical e 39,8% (53 respostas) gostaria que houvesse mais variedade de instrumentos (N=19), que as aulas fossem mais dinâmicas e divertidas (N=7), que o repertório musical fosse culturalmente mais próximo dos alunos (N=6) e que houvesse menos avaliações (N=4). Dos 19 alunos que manifestaram gostar de tocar mais instrumentos, 17 inserem-se nos contextos A, B e C, o que pode ser justificado porque os professores dinamizam atividades práticas instrumentais maioritariamente com flauta de bisel.

**Questão 11 – Numa frase descreve como gostavas que fossem as aulas de Educação Musical “ideais”?**

Os alunos preferem aulas práticas, onde possam ouvir música, cantar e tocar instrumentos musicais, para além da flauta de bisel. Preferem aulas dinâmicas e divertidas, onde a parte prática é o centro da aula, ao invés de uma aula meramente teórica. Dos 133 alunos, 28 considera que as aulas de música já são “ideais”, uma grande maioria dos contextos D, E, F e G. Um aluno do

contexto B referiu que uma aula ideal teria o seguinte sumário: - Interpretação da música “Homem do Leme”; - Introdução ao cavaquinho e Visualização de um vídeo sobre música nos anos 1980.

*Questão 12 – Para ti, como seria o(a) professor(a) de Educação Musical “ideal”?*

De forma a perceber a opinião dos alunos sobre as características de um(a) professor(a) de Educação Musical, seguiram-se as cinco categorias da autora Stavrou (2022). Dos 133 alunos, 58 referiu que gostavam do(a) professor(a), considerando que já era um(a) professor(a) “ideal” de Educação Musical. A maior parte dos alunos considera que a personalidade do professor é um fator importante para ser um professor de Educação Musical “ideal”, sendo que a principal característica que os alunos mencionam é ser divertido.

*Tabela 9 – Características de um professor de música “ideal” de acordo com os alunos*

| Características de um professor de música ideal |                       |  |   |   |
|---|-----------------------|--|---|---|
| Personalidade                                   | Competências musicais | Relação entre professor-aluno  | Conhecimento pedagógico   | Outras  |
| Simpático (N=8)                                 |                       | Não grita (N=5)  | Variedade os instrumentos (N=4)<br>“Que nos deixasse tocar mais instrumentos”                             | O professor(a) já é ideal (N=59)<br>“Eu acho que não mudaria nada, pois não existem professores perfeitos, nem podem ser criados” |
| Preocupado (N=1)                                |                       |  | Gosta do ensino de música (N=3)<br>“Seria alguém que ensina com gosto e que se nota que gosta do que faz” | “O professor devia deixar fazer aulas livres” (N=1)   |
| Divertido (N=25)                                |                       | Rígido (N=5)<br>“Gostava que fosse divertido e alegre, mas que repreendesse o aluno quando necessário” | Ouvir mais as opiniões dos alunos (N=4)   | “Ditasse o sumário mais devagar” (N=1)  |
| Paciente (N=2)                                  |                       | Justo (N=1)  | Organiza as atividades de forma interessantes (N=1)   | “Não existe professor ideal” (N=1)  |
| Inteligente (N=1)                               |                       | Prestável (N=2)  |   | Jovem (N=1)   |

## ***Análise das Entrevistas – ponto de vista dos professores***

*Questão 1 – Que atividades realiza habitualmente nas suas práticas educativas? Quais dinamiza com mais e menos frequência? Porquê?*

As atividades de interpretação e de audição foram as mais referidas, uma vez que ouvir música, tocar flauta de bisel e cantar são práticas que todos os professores do nosso estudo dinamizam. Os professores A, B e C praticamente não utilizam o instrumental *Orff*. As professoras E, F e G realizam atividades ligadas ao movimento e à dança. De acordo com a professora F “Acho que a música aliada ao movimento, dá-lhes outro sentir, de dentro para fora, não é.” Para além de todas as atividades referidas anteriormente, a professora E inicia as suas aulas com exercícios de relaxamento, sendo uma estratégia para os alunos ficarem mais calmos e concentrarem-se na aula. A professora B promove o sentido crítico através da audição, visto que é frequente haver uma análise crítica realizada por um aluno após uma interpretação individual.

*Questão 2 – Que estratégias usa habitualmente?*

Foi possível perceber diferentes estratégias que os professores utilizam no processo de ensino e aprendizagem. Por exemplo, para ensinar uma melodia na flauta de bisel os professores A, F e E utilizam a estratégia da “flauta muda”, que consiste no seguinte procedimento: 1. Cantar; 2. Cantar e com a flauta no queixo fazer as digitações e 3. Tocar. Segundo o professor A, “se começa logo a tocar, alguns [alunos] tocam com erros e depois é difícil contrariá-los. Quando acertamos bem o ritmo, dedos e isso e depois tocamos, há uma diferença.”. O professor D segue os seguintes procedimentos “[os alunos] cantam, afinam, aprendem a técnica instrumental ou vocal e aprendem as notas na pauta”. O xilofone de papel é uma estratégia frequentemente utilizada pela professora E, uma vez que na escola onde leciona os instrumentos de lâminas não são suficientes para todos os alunos. Como tal, os alunos que não estão no instrumento real, praticam no xilofone de papel. As professoras C e E gravam as interpretações dos alunos, de forma a desenvolver a audição e, por sua vez, a autocrítica. A professora G utiliza a estratégia de imitação, pedindo para os alunos memorizem, sempre com o suporte da partitura.

O professor D refere que é importante os alunos terem a consciência daquilo que estão a fazer, dando o seguinte exemplo:

*Só para complementar. Por exemplo, esta canção do "Frogs" (We all stand Together), que é do Paul McCartney, associei o Paul McCartney aos Beatles, mostrei-lhes músicas dos Beatles, mostrei-lhes música da época dos anos 60, mostrei-lhes músicas Rock, para eles perceberem realmente que esta música não é aquele Rock, mas foi feita por um músico dos Beatles. Para terem uma ideia mais global das coisas.*

### *Questão 3 – Qual o repertório utilizado nas suas aulas?*

Todos os professores revelaram usar um repertório variado. A professora G "tent[a] dar um bocadinho de tudo (...) tentar abrir-lhes um bocadinho os ouvidos para outras sonoridades (...) e tentar também desmistificar, às vezes algumas coisas". Os professores D, E, F e G mostram preocupação em abordar repertório culturalmente próximo dos alunos, mas também alargar os seus conhecimentos com outras sonoridades. "percebi que se nós não dermos a música clássica/erudita, a maior parte desses miúdos nunca vai ouvir (...) dar uma coisa que os miúdos não vão ter acesso" (entrevista à professora G). Estes quatro professores referem que uma das suas funções é alargar os horizontes dos alunos, pois como refere a professora E "para eles verem que existe mais música para além daquilo que ouvem, porque eles são muito limitados do que há no YouTube, ao que há na rádio e pura e simplesmente muitas vezes dizem que não gostam". Os professores A, B, D, F e G seguem o manual, bem como os seus próprios recursos. As professoras C e E não utilizam manual porque não foi adotado na escola onde lecionam.

O professor D acrescenta referindo que utiliza repertório diferente nas atividades de audição e de interpretação "para dar alguns exemplos da diferença cultural que existe (...) Acho interessante eles perceberem que os temas podem ser tratados em vários estilos de música, em várias épocas, o mesmo tema por exemplo." O professor A utiliza um repertório muito diversificado nas atividades de audição.

### *Questão 4 – Costuma ouvir a opinião dos alunos sobre a disciplina e sobre as suas práticas pedagógicas? Porquê?*

Todos os professores referiram que é importante ouvir a opinião dos alunos. Os professores A e C pedem aos alunos, no final de cada período, para expressarem aquilo que gostaram mais e

menos nas aulas e, também aquilo que gostariam de abordar. A professora G refere que “Sobre a minha disciplina e sobre as práticas, não. Mas sobre as atividades, sim. Tento perceber o que é que eles gostam, mas tenho ideia de que eles gostam.” O professor D gosta de conversar com os alunos, percebendo as suas preferências e aproveitando a motivação dos alunos para abordar algo que não estava previamente planeado.

*Questão 5, 6 e 7 – Considera que os alunos gostam das aulas de Educação Musical? O que gostam mais? O que gostam menos? Porquê?*

Todos os professores consideram que os alunos gostam da disciplina de Educação Musical, pois reconhecem que é uma disciplina diferente das outras, por ser essencialmente prática.

*(...) aprender música é para fazer música, não é para mais nada. Para que é que nós aprendemos música? OK, para ouvir, para ter uma cultura, também geral, para aprendermos sobre história da música etc, mas nesta fase, o que eles querem fazer, é praticar (Entrevista ao professor D).*

O professor D refere o processo inicial de aprendizagem pode ser mais aborrecido para os alunos, mas quando chegam ao produto final ficam muito felizes. Os professores consideram que os alunos gostam mais de tocar instrumentos *Orff* e cantar. A professora C acrescenta que uma das atividades preferidas dos seus alunos é tocar flauta de bisel. Os professores A e B referem que as turmas são todas diferentes e, que por isso, também vão ter gostos diferentes. Em contrapartida, tocar flauta de bisel também foi referido pelos professores F e G como uma atividade que os alunos menos gostam, pois segundo a professora G “Têm de trabalhar de forma individual”. De acordo com os professores A e C a aprendizagem de notação musical é a atividade que os alunos menos gostam “são um bocadinho preguiçosos para a escrita musical e, eu também não insisto muito, confesso” (Entrevista à professora C).

*Questão 8 – Considera que aquilo que ensina na disciplina de Educação Musical corresponde aquilo que os alunos gostariam de aprender? Porquê?*

Todos os professores consideram que aquilo que ensinam corresponde aquilo que os alunos gostariam de aprender, pela reciprocidade que têm.

*Questão 9 – Quais as características de um bom professor de Educação Musical?*

Os professores C, D e F consideram importante gostar daquilo que estão a ensinar, estabelecendo uma relação com os alunos, sendo assertivo quando assim necessário (professora B), passando o gosto pela música. De acordo com o professor D “Gostar de música. Essa é a principal. Se uma pessoa não transmite ao aluno que gosta de música, que gosta daquilo que faz, não vale a pena ser professor de música.” Ao nível de competências musicais, os professores B, C e E referem que é fulcral cantar afinado e dominar um instrumento harmónico. A professora G acrescenta que tem de ser uma pessoa flexível “as necessidades de alunos, o que é que eles ouvem, o que é que eles conhecem, o que é que eles não conhecem, e o que é que pode ser realmente importante no futuro para eles?”. A comunicação também foi mencionada pelas professoras E e F, visto considerarem fundamental adaptar a linguagem aos alunos, através de uma comunicação eficaz. A professora E acrescenta ainda que os professores devem dar o exemplo, sendo organizados e trazer tudo preparado para as aulas, pois os alunos percebem.

*Questão 10 – De forma a melhorar o interesse dos alunos pela disciplina de Educação Musical, que novas estratégias ou propostas apresentaria?*

As respostas a esta questão foram muito diversas, a professora E considera que devia haver mais recursos, principalmente uma renovação dos instrumentos presentes na escola, visto que o estado dos mesmos precisa de renovação. A professora G também mostrou interesse em ter outros instrumentos na sala de aula, como os cavaquinhos. Acrescentou ainda que seria interessante que a escola tivesse um clube de música. A professora B gostaria que as aulas passassem de 90’ para 50’, pois considera que a produtividade dos alunos é melhor assim. A professora C reconhece que dinamiza poucas atividades de criação e experimentação, pois conforme ela refere “(...) utilizar a composição de uma forma mais estruturada e inclusivamente recorrendo a programas que existem hoje, em computadores, gostava muito de fazer isso com eles (...) explorar melhor os instrumentos *Orff* da sala de aula, também acho que sim, que poderia ir mais longe aí. Já a professora F gostaria de trabalhar mais vezes em projeto, em articulação com outras disciplinas.

## *Análise das aulas observadas – atividades dinamizadas, relação professor-aluno e estratégias utilizadas*

Através da tabela é possível perceber as atividades musicais realizadas pelos professores do nosso estudo. A maioria dos professores dinamizou atividades que envolvessem cantar e tocar flauta de bisel.

*Tabela 10 – Atividades dinamizadas pelos professores na aula observada*

| ATIVIDADES DINAMIZADAS                             | CONTEXTOS |   |   |   |   |   |   |
|--|-----------|---|---|---|---|---|---|
|  | A         | B | C | D | E | F | G |
| Tocar flauta de bisel                              | X         | X | X | X | X | X |   |
| Tocar xilofone, metalofone ou jogo de sinos        |           | X |   | X |   |   | X |
| Tocar percussão (triângulo, clavas, tamborim, ...) |           |   |   |   |   |   |   |
| Cantar   | X         |   |   | X | X | X | X |
| Fazer percussão corporal                           |           |   |   |   |   |   |   |
| Dançar   |           |   |   |   |   | X |   |
| Ouvir música                                       | X         |   |   | X | X | X | X |
| Aprender notação (notas e figuras na pauta)        | X         |   |   |   |   | X | X |
| Relaxamento  |           |   |   |   | X |   |   |
| Criar música (música feita por nós)                |           | X |   |   |   |   |   |
| Aprender sobre história de música                  |           |   |   |   |   |   |   |
| Improvisar música                                  |           |   |   |   |   |   |   |

Em todos os contextos a relação professor-aluno pautou-se por respeito mútuo, estabelecendo assim uma relação bastante boa. No caso do contexto A, onde se observou uma turma que se caracterizava por ser muito dinâmica, participativa e faladora, sentiu-se falta de uma postura assertiva e rígida por parte do professor quando se verificava momentos de indisciplina.

Em termos de práticas pedagógicas estabelecidas pelos professores do nosso estudo é possível encontrar diferenças e semelhanças. Por exemplo, os professoras dos contextos D, E e F utilizaram a “flauta muda”, isto é, cantar a melodia, fazendo as digitações das notas musicais na flauta antes de tocarem a melodia. Todos os professores fizeram um pequeno aquecimento na flauta, antes de trabalharem os temas. Os professores A, B e F tiveram o cuidado de alertar a turma para os alunos produzirem um melhor som. Uma expressão utilizada pela professora F para explicar aos alunos foi “menos ar e mais articulado”. Ainda sobre a prática da flauta de bisel,

observou-se a avaliação individual deste instrumento na aula da professora B. A estratégia adotada consistiu na reflexão crítica realizada por um aluno, com base nos parâmetros postura, afinação, ritmo e sonoridade, após o aluno avaliado tocar a melodia.

### 3.5. CONCLUSÃO

A presente investigação tomou como ponto de partida a opinião dos alunos sobre a disciplina de Educação Musical, nomeadamente sobre as atividades desenvolvidas e as práticas pedagógicas utilizadas pelos professores da disciplina. Através da realização deste trabalho, pode-se concluir que a maioria dos alunos (79%) que fizeram parte deste estudo gosta da disciplina de Educação Musical.

Os alunos preferem aulas práticas, em que os mesmos têm um papel ativo (Kokotsaki, 2016), através da prática vocal e instrumental. Neste sentido, apesar da grande maioria dos alunos gostar muito das aulas de Educação Musical, percebeu-se que os alunos dos contextos A, B e C apresentam níveis de gosto pela disciplina menos satisfatórios comparativamente com outros contextos. Algumas das causas poderão ser, por um lado, a rara ou inexistente utilização do instrumental *Orff*, substituído pela flauta de bisel, que é utilizada em praticamente todas as aulas e, por outro lado, a preponderância da notação musical na aprendizagem. Neste sentido, os alunos expressaram que não gostam de escrever notação musical, nem de fazer testes escritos, sendo a terceira e quinta atividade de que os alunos menos gostam, respetivamente. Consideram estas atividades pouco dinâmicas e desnecessárias, o que vai ao encontro do estudo desenvolvido por Stavrou et al. (2020). A professora B alerta-nos para esta problemática, afirmando que nem de escrever o próprio sumário os alunos gostam. Na sua opinião, aquilo de que os alunos menos gostam é escrever - "tudo o que implica escrita, eles [os alunos] não gostam" (entrevista à professora B).

Todos os professores de Educação Musical que participaram no nosso estudo consideram fundamental cantar nas aulas, pelo que o fazem muitas vezes, ou até mesmo em quase todas as aulas. De acordo com a opinião dos alunos, 73,7% gosta muito de cantar, sendo a segunda atividade de que mais gostam nas aulas de música. No entanto, 11 alunos (M – 7 e F – 4) mencionaram que a atividade que menos gostaram foi precisamente de cantar, apresentando

várias razões para tal, sendo que as mais frequentes foram “não canto bem” e “não me sinto seguro a cantar em frente aos colegas”. No estudo realizado por Kokotsaki (2016) os alunos mostraram que gostavam de cantar, apesar de haver uma minoria que não gosta por sentir vergonha em cantar à frente da turma, dentro da sala de aula.

É interessante perceber que 92,5% dos alunos gosta muitíssimo de ouvir música nas aulas de Educação Musical, sendo também uma atividade muito dinamizada por todos os professores que participam no nosso estudo. É importante referir, no entanto, que os alunos, ao responder a esta questão, poderão ter misturado diferentes contextos em que ouvem música, além da sala de aula (como em casa ou outras atividades de lazer).

A opinião dos alunos sobre a prática de tocar flauta de bisel divide-se, pois tanto é considerada como atividade de que os alunos mais gostam, como também a que os alunos menos gostam. As razões que levam os alunos a preferir esta atividade estão relacionadas com o gosto pelo som que a flauta produz e, com a confiança nas suas capacidades de tocar flauta de bisel (consideram que sabem tocar bem), o que faz com que se sintam felizes. Por outro lado, os motivos que levam os alunos a não gostar de flauta de bisel é por considerarem difícil, não gostarem do som produzido e ser complicado decorar as notas. Mais de metade dos alunos, 58,6%, gosta muito de tocar flauta de bisel, 24,1% sabe-se que gostam de forma mediana e 17,3% gosta pouco. As professoras F e G referem que os alunos não gostam de trabalhar sozinhos. Tocar bem flauta de bisel, dentro de um nível básico, exige prática individual. Neste sentido, as razões apresentadas pelos alunos podem ser resolvidas se houver mais estudo autónomo, estabelecendo práticas de autonomia, com orientação do professor. A professora B refere “a música não sai logo, a música é preciso investir, trabalhar, requer aperfeiçoar e, portanto, não tenho ilusão que todos os meninos gostam”.

O estudo indica-nos que os alunos aprendem melhor e estão mais envolvidos com a disciplina quando a prática musical conjunta é frequentemente dinamizada. De acordo com os alunos, uma aula de música “ideal” é dinâmica e divertida, onde a parte prática é o centro da aula, ao invés de uma aula meramente teórica.

Embora a perceção dos alunos sobre a disciplina tenha sido muito positiva, uma vez que 60,2% (80 respostas) não mudaria nada nas aulas de Educação Musical, ainda há coisas que os alunos

gostariam de mudar. Os alunos mostraram interesse em tocar mais instrumentos, para além da flauta de bisel, utilizando um repertório musical culturalmente próximo dos alunos, o que vai ao encontro do estudo desenvolvido por Stavrou e Papageorgi (2020). Além disso, é possível estabelecer uma analogia entre as atividades mais dinamizadas pelos professores do nosso estudo e as que os alunos revelaram preferência. As preferidas dos alunos são: 1) ouvir música, 2) cantar, 3) tocar instrumentos *Orff* de altura definida e indefinida e 4) tocar flauta e bisel. As mais dinamizadas pelos professores são: 1) tocar flauta de bisel, 2) ouvir música, 3) cantar e 4) aprender notação musical. Pode-se confirmar que os alunos apesar de não gostarem tanto de aprender notação musical, é a quarta atividade mais dinamizada pelos professores. A prática da flauta de bisel é uma das atividades favoritas dos alunos, mas os mesmos revelam que gostavam que os professores dinamizassem essa atividade com menos frequência. Os resultados sugerem que os alunos gostam de tocar flauta. No entanto, o facto dos professores dinamizarem esta atividade em todas ou em quase todas as aulas, não permite que os mesmos tenham tempo para se focarem numa maior variedade de instrumentos, conforme os alunos desejariam.

Auscultar a voz dos alunos sobre a disciplina de Educação Musical é importante, de forma a enfrentar e combater os seus desafios e torná-la numa disciplina mais relevante, promovendo o desenvolvimento de competências musicais nos alunos e contribuindo para que se tornem cidadãos responsáveis. As conclusões apresentadas representam uma amostra específica que foi investigada que, por esse motivo, não podem ser generalizadas. No entanto, é possível estabelecer vários pontos em comum com estudos realizados noutros países sobre o tema em causa. Dado a importância da *voz dos alunos* e a sua opinião das atividades dinamizadas pelos professores, defende-se que seria pertinente dar continuidade para uma investigação mais ampla.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente relatório e projeto de investigação são o reflexo de um caminho percorrido ao longo de uma aprendizagem académica. Foram vários os conhecimentos adquiridos na área da pedagogia e da didática, além de muitas aprendizagens e vivências que contribuíram para o desenvolvimento pessoal e profissional.

O equilíbrio entre os processos ligados à Prática de Ensino Supervisionada, sendo eles, a observação, a planificação, a lecionação, a avaliação e a constante reflexão são muito importantes. O estágio profissional, é um meio essencial para o desenvolvimento do futuro docente, na medida em que o estagiário contacta com diferentes perspetivas e diferentes estratégias pedagógicas, o que permite uma sólida preparação para enfrentar os desafios da realidade profissional que o espera.

Apesar do processo de estágio não ser uma experiência nova, a prática educativa de Educação Musical foi, pois, o primeiro contacto com a disciplina deu-se no início do ano letivo, através das observações realizadas. A partir desse momento, compreendeu-se a dinâmica e os principais objetivos a desenvolver e a dinamizar numa aula de Educação Musical. Por este motivo, todas as tensões vivenciadas, bem como os sucessos alcançados no presente ano letivo, trouxeram novas aprendizagens que enriqueceram e complementaram as práticas pedagógicas.

Por fim, foram dois anos repletos de desafios, com experiências diferentes, inseridos em contextos também eles diferentes. Todos os obstáculos, foram enfrentados e superados com grande espírito de iniciativa e de responsabilidade, tendo contribuído para o crescimento pessoal e profissional, bem como para a formação inicial de uma identidade docente, que se desenvolverá no futuro através da prática. Este trabalho marca o fim de um capítulo e o início de outro, para o qual se sente preparada e motivada para o enfrentar.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AEM – Agrupamento de Escolas de Matosinhos (2021–2025). Projeto Educativo do Agrupamento de Escolas de Matosinhos 2021–2025.
- AEM – Agrupamento de Escolas de Matosinhos (2022–2023). Educação Musical – Aprendizagens Essenciais em Articulação com o Perfil dos Alunos – Critérios de Avaliação – 2020–2021.
- Alarcão, I. & Tavares, J. (2003). *Supervisão da Prática Pedagógica. Uma Perspetiva de Desenvolvimento e Aprendizagem* (2ª ed.). Livraria Almedina.
- Arends, R. (2008). *Aprender a Ensinar* (7ª ed). McGraw–Hill Interamericana de Espanã, S.A.U.
- Bell, J. (1993). *Como realizar um Projeto de Investigação*. Gradiva Publicações, S. A.
- Boal–Palheiros, G. (1994). A Prática da audição na disciplina de Educação Musical. *Revista da Associação Portuguesa de Educação Musical*, 83, 5–14.
- Boal–Palheiros, G. & Boia, P.S. (2020). Formação de professores de música e práticas de Educação Musical nas escolas. In G. Boal–Palheiros & P.S. Boia (orgs.), *Desafios em Educação Musical*. CIPEM/INET–md, Escola Superior de Educação Politécnico do Porto. pp.117–141.
- Cunha, J. (2020). Se eu fosse professor de Educação Musical da minha turma? Um estudo de caso baseado na voz de alunos portugueses. *Revista Portuguesa de Educação Musical*, (146), pp. 16–21.
- Després, Jean–Philippe & Dubé, Francis. (2020). The Music Learner Voice: A Systematic Literature Review and Framework. *Frontiers in Education*, 5(119), pp. 1–13.
- Estrela, A. (1994). *Teoria e Prática de Observação de Classes. Uma estratégia de Formação de Professores* (4ª ed.). Porto Editora.

- Fletcher, A. (2005). *Meaningful Student Involvement Guide to Students as Partners in School Change*.
- Gonçalves, C., Cristóvão, N., & Esteireiro, P. (2020). A Música na Minha Escola de Sonho: Dando Voz aos Alunos das Escolas da Região Autónoma da Madeira. *Revista Portuguesa de Educação Artística*, 10(1), pp. 43-56.
- Kokotsaki, D. (2016). Pupil voice and attitudes to music during the transition to secondary school. *British Journal of Music Education*, 34(1), pp. 1-35.
- Ministério da Educação (2018). *Aprendizagens Essenciais: articulação com o perfil dos alunos*. Ministério da Educação.
- ME – Ministério da Educação. (1991a). *Programa de Educação Musical do Ensino Básico do 2º Ciclo – vol I*. Lisboa: Direção Geral dos Ensinos Básico e Secundário – Ministério da Educação.
- ME – Ministério da Educação. (1991b). *Programa de Educação Musical do Ensino Básico do 2º Ciclo – vol II*. Lisboa: Direção Geral dos Ensinos Básico e Secundário – Ministério da Educação.
- ME – Ministério da Educação. (2018). *Aprendizagens Essenciais – 2.º Ciclo do Ensino Básico – Educação Musical*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Pedroso, F. (2003). *A disciplina de Formação Musical: contributos para uma reflexão sobre o seu papel no currículo do ensino especializado de música (básico e secundário)* [Dissertação de Mestrado]. Universidade do Porto, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Quivy, R., & Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em ciências sociais: trajetos* (4.ª ed.). Gradiva.
- Reis, P. (2011). *Observação de aulas e avaliação do desempenho docente*. Ministério da Educação – Conselho Científico para a Avaliação de Professores.

- Ross, M. (1995). What's wrong with school music? *British Journal of Music Education*, 12(3), pp. 185–201.
- Rudd, Tim & Colligan, Fiona & Naik, Rajay. (2006). *Futurelab: Learner voice handbook*.
- Swanwick, K. (1979). *A Basis for Music Education*. Routledge.
- Silvestre, H. & Araújo, J. (2012). *Metodologia para a investigação social*. Escolar Editora
- Sousa, M., & Baptista, C. (2011). *Como fazer investigação, dissertações, teses e relatórios segundo Bolonha*. LIDEL.
- Stavrou N., Frischknecht R., Girdzijauskene G., & Schaumberger H. (2020). The music lessons we'd like: Students envisioning music education in schools. In Houmann A., Saethers E. (Eds.), *European perspectives in music education: Vol. 9. Make music matter: Music education meeting the needs of young learners*. Helbling Publications. pp. 137–152
- Stavrou, N. & Papageorgi, I. (2020). 'Turn up the volume and listen to my voice': Students' perceptions of Music in school. *Research Studies in Music Education*, 43(3), pp. 1–20.
- Stavrou, N. (2022). The Music Teacher I'd Like: Lessons Learnt From Students. *Frontiers in Education*, 6(802560), pp. 1–7.
- Temmerman, N. (2000). An investigation of the music activity preferences of pre-school children. *British Journal of Music Education*, 17(1), pp. 51–60.
- Vincente-Nicolas G., & Mac Ruairc G. (2014). Music activities in primary school: Students' preferences in the Spanish region of Murcia. *Music Education Research*, 16(3), pp. 290–306.
- Wuytack, J. & Boal-Palheiros, G. (2013). *Pedagogia Musical 1*. Associação Wuytack de Pedagogia Musical.

# ÍNDICE DE ANEXOS DIGITAIS

## Parte 1 – Prática de Ensino Supervisionada

- 1.1. Estágio EBM (Planificações e Cronograma)
- 1.2. Escola Básica de Matosinhos (Caracterização da turma da PES e Projeto Educativo)
- 1.3. Concertos
- 1.4. Observações
- 1.5. Reflexão Crítica da PES

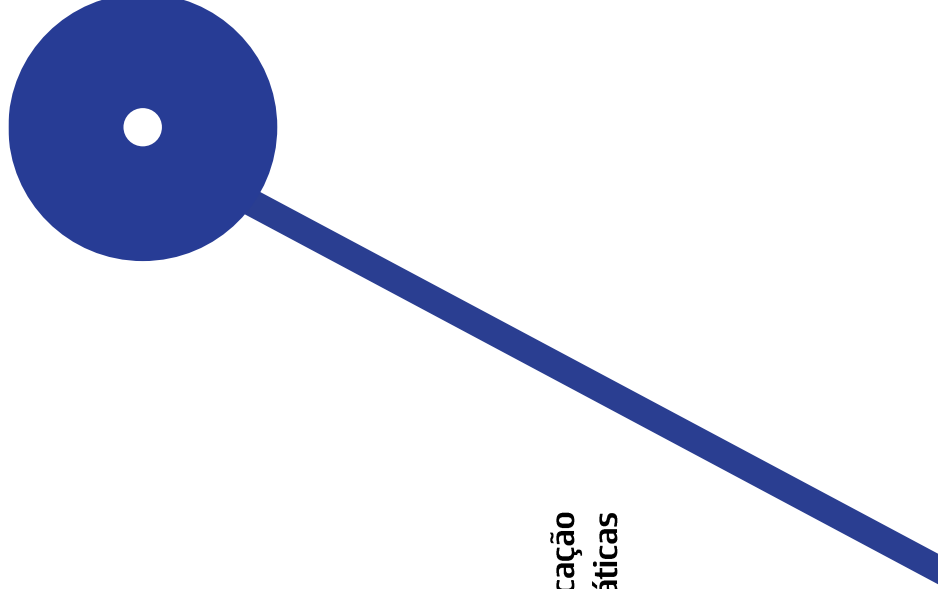
## Parte 2 – Projeto de Investigação

- 2.1. Guião da entrevista aos professores
- 2.2. Transcrição das entrevistas
- 2.3. Inquérito por questionário
- 2.4. Observação de aulas



**MESTRADO**

Ensino de Educação Musical no Ensino Básico



**As atividades nas aulas de Educação  
Musical: perspetivas dos alunos e práticas  
dos professores**  
Ana Isabel Ribeiro Pereira